



UNIDADE LOCAL EMATER **GAMA**
COMUNIDADE **RECANTO DOS BURITIS**



IDCR DE **92** DAS **130** UNIDADES PRODUTIVAS
EXISTENTES

RESPONSÁVEIS:

Equipe da Unidade Local de **Ceilândia**

Sérgio Dias Orsi

Rubistain

Cléa

Flávio Jesus dos Santos (estagiário)

Brasília 20/10/2010 (Versão 25/03/2011)

SUMÁRIO

| | | |
|------|--|-------------------------------|
| I. | INTRODUÇÃO | ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO. |
| II. | RESGATE HISTÓRICO DA COMUNIDADE REALIZADO EM / / | 3 |
| III. | RESULTADO DO LEVANTAMENTO MULTIDIMENSIONAL DA COMUNIDADE | 8 |
| | A. CÁLCULO E VALOR DO IDCR | 9 |
| | B. IMAGENS GRÁFICAS | 10 |
| | i. MULTIDIMENSIONAL | 11 |
| | ii. BEM-ESTAR | 12 |
| | a. ÁGUA | 12 |
| | b. ENERGIA ELÉTRICA | 14 |
| | c. SANEAMENTO | 15 |
| | d. SAÚDE | 17 |
| | e. TRANSPORTE | 18 |
| | f. CAPACITAÇÃO E LAZER | 20 |
| | iii. CIDADANIA | 21 |
| | a. DIREITOS E DEVERES | 22 |
| | b. PARTICIPAÇÃO SOCIAL | 25 |
| | iv. ECONÔMICA | 25 |
| | a. SISTEMA DE PRODUÇÃO E DE RENDA | 26 |
| | COMERCIALIZAÇÃO | 28 |
| | b. SEGURANÇA ALIMENTAR E FINANCEIRA | 28 |
| | c. MÃO-SE-OBRA | 29 |
| | v. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA | 30 |
| | a. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA AGRICULTURA | 30 |
| | b. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA PRODUÇÃO ANIMAL | 35 |
| | c. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA AGROINDÚSTRIA | 38 |
| | d. PRESTAÇÃO E ACESSO A SERVIÇOS | 39 |
| | vi. AGROECOLOGIA | 41 |
| | vii. MEIO AMBIENTE | 45 |
| | viii. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GERAÇÃO | 49 |
| | ix. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE | 49 |
| | a. ALFABETIZADOS | 49 |
| | b. NÍVEL DE INCLUSÃO EDUCACIONAL POR GERAÇÃO | 50 |
| | x. PERSPECTIVAS DOS ENTREVISTADOS | 50 |
| | i) ATIVIDADES PRODUTIVAS | 50 |
| | ii) CAPACITAÇÕES | 52 |
| | i) DEMANDAS PRIORITÁRIAS | 55 |
| | xi. ANEXOS | 56 |
| | a. MAPA DA COMUNIDADE | 56 |
| | b. ENCADEAMENTO METODOLÓGICO PROPOSTO | 58 |
| | ii) PRIMEIRO PASSO | 58 |
| | iii) SEGUNDO PASSO | 58 |
| | iv) TERCEIRO PASSO | 59 |
| | v) QUARTO PASSO | 59 |
| | xii. BIBLIOGRAFIA DE APOIO | 60 |

I. INTRODUÇÃO

“Comece por fazer o que é necessário,
depois o que é possível e, de repente,
estará a fazer o impossível
São Francisco de Assis

Para propor uma intervenção em qualquer comunidade é necessário formular estratégias que abranjam diversos elementos que atuam nela nos ambientes interno e externo. A primeira delas é envolver os integrantes da comunidade em um debate sobre a proposta, e verificar se os mesmos têm algo a contribuir, se a aprovam e se têm o desejo de lidar com a metodologia de intervenção apresentada. Lembramos que cada comunidade encontra-se em níveis diferentes de desenvolvimento nas dimensões humana, social, tecnológica, econômica, ecológico-ambiental, político-institucional, demográfica e territorial, o que influencia diretamente na estratégia de intervenção com vistas ao seu desenvolvimento.

A segunda é fazer um levantamento dos grupos de interesse em formação e em atividade por beneficiários de ATER (empreendedores patronais e familiares, mulheres, jovens, idosos e trabalhadores rurais para montar a estratégia de análise do relatório-diagnóstico que irá balizar e acompanhar as ações que serão implementadas.

A terceira é investir na expansão das capacidades dos seus membros, pois o capital humano é certamente a condição necessária para apropriar de tecnologias inovadoras do processo de produção sustentável e construir as competências e habilidades sociais, políticas, econômicas etc. Esses são elementos fundamentais no processo de desenvolvimento de uma comunidade, em que o homem é meio e fim de qualquer iniciativa de desenvolvimento. “Pensar a comunidade”, ser solidário e entender esta proposta de intervenção como um processo – e, não somente uma coleção de resultados - é um grande desafio dos atores que atuam nesta proposta de desenvolvimento comunitário com maior equidade de oportunidades.

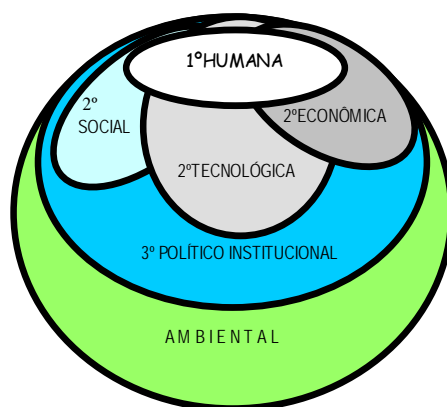


Figura 1: Etapas e interação das dimensões

O Índice de Desenvolvimento Comunitário Rural –IDCR desde o início do seu processo de implementação, deve envolver os integrantes da comunidade que farão o levantamento de dados em cada propriedade, em um curso preparatório de agentes entrevistadores e de desenvolvimento comunitário. Os participantes do curso também apropriam de diversos conhecimentos que irão favorecer a problematização, elaboração de diagnósticos, construção e gestão de políticas públicas. Para dar conta desse processo o IDCR constrói uma relação de indicadores multidimensionais, que serão apresentados aos diversos segmentos de público, por meio de metodologias participativas. Na aplicação dessas metodologias serão trabalhados sequencialmente os seguintes temas: competência e habilidades, recursos naturais disponíveis, vantagens comparativas (na produção, agregação de valor e prestação de serviços), vulnerabilidades, pertencimento, engajamento, construção de políticas públicas específicas para a comunidade e gestão social. Do resultado da aplicação dessas metodologias espera-se como produto o Plano de Ação Interinstitucional–PAI. Este plano levará a uma concertação interinstitucional, que irá implantar ações e será o ponto de partida para o processo de desenvolvimento da comunidade rural.

As metodologias participativas utilizadas estão direcionadas para ampliação do capital humano, social e político, elementos fundamentais no atual modelo de desenvolvimento. Somente acessar recursos públicos, dentro da atual lógica da sua distribuição pelos Governos, quem tiver uma boa capacidade de discernimento, trânsito institucional, se fizer presente nas instituições com um projeto para ser atendido e estiver mobilizado político-socialmente.

O IDCR também produz um índice numérico de desenvolvimento que varia numa escala de “zero” a “um”, além de diversos gráficos com indicadores que irão registrar o “tempo zero” e quantos outros “tempos” necessários, para qualquer tipo de diagnóstico e avaliação. Esses indicadores são sistematizados em seis dimensões (bem-estar, cidadania, apropriação tecnológica, econômica, agroecológica e ambiental) e apontam os desequilíbrios, vulnerabilidades e potencialidades da comunidade.

Este relatório tem como fonte de dados a pesquisa primária feita pelos agentes entrevistadores na comunidade. Em função de toda a sua sistemática de construção ele acaba empoderando os representantes da comunidade, os técnicos, os dirigentes, as instituições, os políticos e os demais interessados, para negociar e construir políticas

públicas e privadas mais específicas. Por outro lado, em função da estratégia de envolver os membros da comunidade desde o início do processo, isto irá fortalecer um sentimento de pertencimento, que favorecerá a mobilização e engajamento dos seus integrantes no processo de elaboração e gestão do PAI. Este relatório ainda estabelece um instrumento de acompanhamento e aferição de resultados para avaliar a eficácia dos esforços, tanto dos membros da comunidade, quanto das instituições envolvidas no processo.

A proposta do IDCR visa atender as principais diretrizes humanista, dialógica, construtivista, ambientalista e desenvolvimentista em um recorte territorial que é a comunidade rural. No entanto, isto não impede de montar outros recortes com abrangências regionais, estaduais, de segmentos produtivos, de produtos, etc. Por ter como meta a construção de políticas públicas e privadas, o IDCR é uma ferramenta importantíssima para buscar a inclusão estratégica das demandas comunitárias nas três esferas de Estado e na iniciativa privada.

Os indicadores do IDCR estão fundamentados na sequência de demandas da pirâmide de Maslow, que para um contexto comunitário, certamente ainda serve para nortear a hierarquia de necessidades que um conjunto de seres humanos demanda.



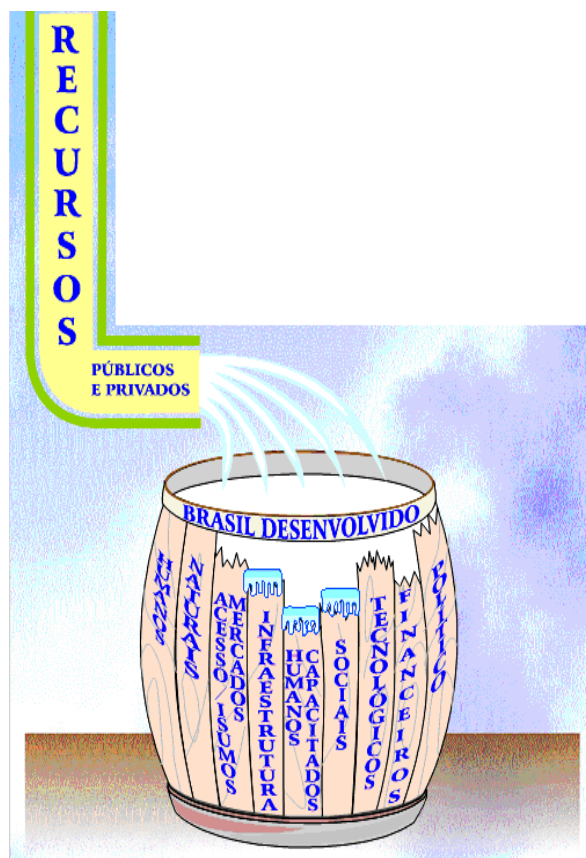
Figura 2: Principais necessidades básicas das pessoas, segundo Maslow

Para implementação de toda proposta do IDCR necessita-se superar alguns paradigmas. Primeiro que o espaço rural não é mais só agrícola, nem se resume ao

setorial e nem somente às atividades primárias. Segundo, que o corpo técnico da equipe que irá propor a intervenção precisa ter uma nova tomada de consciência. No paradigma atual de trabalho de Assistência Técnica e Extensão Rural –ATER, o enfoque deve abranger as atividades de um agente de desenvolvimento rural, em um espaço rural, que agora é muito mais multifuncional. Terceiro, é a implementação de um encadeamento metodológico participativo que atinja os objetivos de planejamento participativo. Este tipo de planejamento fomentará o engajamento das pessoas, a gestão social e a construção de políticas, que terão como foco a superação das vulnerabilidades e o aproveitamento das potencialidades. E, por último, é o reconhecimento pelos gestores sociais e responsáveis institucionais, de que, agora o desafio perpassa por uma boa capacidade de negociação com as instituições dos diversos setores.

Não basta mais o discurso da boa vontade política. É necessário ter determinação política para gerar produtos que atendam de imediato as demandas eleitas como prioritárias pela comunidade e, estrategicamente, conjugadas com as diretrizes políticas e de Estado, nos três níveis (Municipal, Estadual/Distrital e Federal).

Os recursos públicos e privados muitas vezes são investidos em uma comunidade sem levar em conta as prioridades dos grupos de interesse que lá estão estabelecidos. Os interesses desses grupos têm que ser ponderados com os interesses dos Planos de Governos, para que os recursos investidos não acabem sendo desperdiçados por falta de competência e/ou prioridade que a comunidade dá às ações que estão sendo propostas. A figura abaixo tenta ilustrar esta situação, em que os recursos investidos estão sendo desperdiçados por falta de capacitação das pessoas, de organização social e infraestrutura precária.



II. RESGATE HISTÓRICO DA COMUNIDADE REALIZADO EM / /

Para cada comunidade onde se executa o projeto do IDCR é proposto um resgate histórico. Pode-se utilizar de um roteiro que é fornecido para melhor sistematizar as idéias ou construir junto com os segmentos da comunidade a Linha do Tempo. Os grupos de cada comunidade devem procurar os moradores mais antigos para, junto com eles, compor um texto que irá integrar o relatório-diagnóstico do IDCR. Tentou-se transcrever com a maior fidedignidade possível o trabalho que foi apresentado, citando os responsáveis pela sua construção.

COMUNIDADE **RECANTO DOS BURITIS**, UL **Gama**

Equipe local favor colocar o resgate histórico da comunidade.

III. RESULTADO DO LEVANTAMENTO MULTIDIMENSIONAL DA COMUNIDADE

Para compor a base de dados deste Relatório-Diagnóstico foram realizadas na comunidade entrevistas com os proprietários de 92 das 92 unidades produtivas existentes, perfazendo uma amostragem de 100 %. Assim, não podemos afirmar no estrito senso, que os resultados do IDCR aqui apresentados referem-se à totalidade dos ocupantes da Comunidade Assentamento Chapadinha. É uma amostragem bem representativa da realidade das seis dimensões exploradas neste documento no período de realização do levantamento até o dia 20/10/2010.

Este relatório-diagnóstico possibilita a representação de um estado de sustentabilidade multidimensional da comunidade, que denominamos de Tempo Zero – “TO”- e que servirá como parâmetro para intervenções e futuras avaliações de resultado. Para ser validado como um instrumento de avaliação de resultados a próxima pesquisa de campo deverá ter o mesmo conteúdo do questionário que foi utilizado no primeiro momento e representado pelo “TO”. É bom lembrar que as informações aqui geradas são relativas a um padrão médio dos entrevistados da comunidade e geram parâmetros que poderão ser utilizados como indicadores. O importante é verificar principalmente as vulnerabilidades, os desequilíbrios e as potencialidades para servirem de subsídio nas metodologias propostas, para elaboração do PAI e das estratégias de conquista da Gestão Social.

Os dados processados nos permitem acessar duas informações complementares. A primeira refere-se ao índice de desenvolvimento da comunidade e é representado por um número que varia de “zero” a “um”. Quanto mais próximo de “um” for o valor do IDCR, mais desenvolvida é a comunidade, e quanto mais próximo de “zero”, maior será o desafio para os agentes de desenvolvimento. A segunda são as imagens geradas por dois tipos de gráficos. Temos os gráficos que utilizam barras horizontais, que quase sempre são relativos a cada pergunta específica e servirão de subsídio para compor os gráficos “tipo radar”. Os gráficos “tipo radar” são relativos aos temas e dimensões que foram eleitas para servir de indicadores. A interpretação das informações representadas nos gráficos “tipo radar” se dá levando em conta a área sombreada. Quanto mais abrangente a área sombreada mais equilibrado e sustentável está o indicador que ela representa, e quanto menor a área sombreada mais vulnerável está o indicador.

As imagens gráficas estão representadas na seguinte sequência: Inicialmente apresentamos um gráfico que utiliza como indicadores as seis dimensões contidas no questionário utilizado no levantamento da comunidade. Ele apresenta o estado de vulnerabilidade e o desequilíbrio de cada dimensão. Seguidamente cada uma das dimensões terá o seu próprio gráfico, apontando por meio dos indicadores representados quais estão mais vulneráveis ou mais equilibrados. Os gráficos “tipo barra” representam quase sempre a situação de uma questão investigada e oferece elementos para uma avaliação mais pontual, que às vezes pode ser a causa de toda a vulnerabilidade, desequilíbrio, ou até mesmo uma potencialidade a ser explorada.

A seguir serão apresentados os resultados com o propósito de fazer um mínimo de interpretações possíveis, por que tanto a comunidade, quanto os agentes de desenvolvimento têm que participar e sentirem-se “pertencidos” nesta análise. Isto é muito importante para manter em alta alguns elementos cruciais no processo de intervenção comunitária participativa, que visa o desenvolvimento multidimensional tais como: sensibilização, motivação, engajamento, entusiasmo e gestão social. Sem esses elementos, fica muito difícil sustentar uma proposta de desenvolvimento do espaço rural com a participação sustentável dos principais segmentos de beneficiários da ATER.

Em momento algum poderá haver exclusão, de qualquer tomada de decisão no processo de intervenção, dos integrantes e segmentos da comunidade, ou dos seus prepostos, pois certamente ocorrerá uma revolta dos excluídos, até mesmo inconsciente, podendo sabotar as estratégias de ação no processo. Além do que isto irá contra a construção de empoderamento e do desenvolvimento participativo, que deve ser com liberdade e com compromisso sócio-ambiental.

A. CÁLCULO E VALOR DO IDCR

O valor do IDCR indica o estado de sustentabilidade, das pessoas e das propriedades dessa comunidade, no momento em que foi feito o levantamento de campo. Este valor servirá como parâmetro para futuras avaliações da efetividade das ações que irão integrar o PAI. O PAI é o resultado do encadeamento metodológico proposto e tem como objetivo a sensibilização e motivação das instituições públicas e privadas para a construção de políticas específicas que irão atuar diretamente nas vulnerabilidades e potencialidades diagnosticadas.

Tabela1. Demonstrativo da composição e dos valores utilizados para gerar o valor do IDCR da comunidade.

| Cálculo do IDCR | | | | |
|--------------------------------|--------------------------------------|-------------------|------------------|--------------|
| DIMENSÃO | VALOR ACUMULADO (COMUNIDADES) | PONDERAÇÃO | ALCANÇADO | IDEAL |
| BEM ESTAR | 0,51 | 0,20 | 0,103 | 0,20 |
| CIDADANIA | 0,50 | 0,20 | 0,099 | 0,20 |
| ECONÔMICO | 0,37 | 0,20 | 0,074 | 0,20 |
| APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA | 0,12 | 0,13 | 0,016 | 0,13 |
| AGROECOLOGIA | 0,11 | 0,13 | 0,014 | 0,13 |
| AMBIENTAL | 0,33 | 0,14 | 0,046 | 0,14 |
| SOMA | | 1,00 | 0,352 | 1,00 |

O valor do IDCR da Comunidade **Recanto dos Buritis em 20/10/2010**, “Tempo Zero” (TO), é de **0,352**.

B. IMAGENS GRÁFICAS

Se a lógica e a composição das imagens gráficas apresentadas a seguir forem bem explicadas aos moradores da comunidade, elas serão um bom instrumento didático a ser utilizado nas metodologias. As imagens gráficas apresentadas a seguir, se bem explicada para os moradores da comunidade, a lógica da sua composição, elas serão um bom instrumento didático a ser utilizado nas metodologias. Basicamente essas imagens demonstram duas questões. A primeira aponta que quanto mais sombreada a área do gráfico mais sustentável está a comunidade naqueles parâmetros descritos na imagem. O outro oferece uma comparação entre esses próprios parâmetros e auxilia na análise dos desequilíbrios, vulnerabilidades e potencialidades de cada um deles.

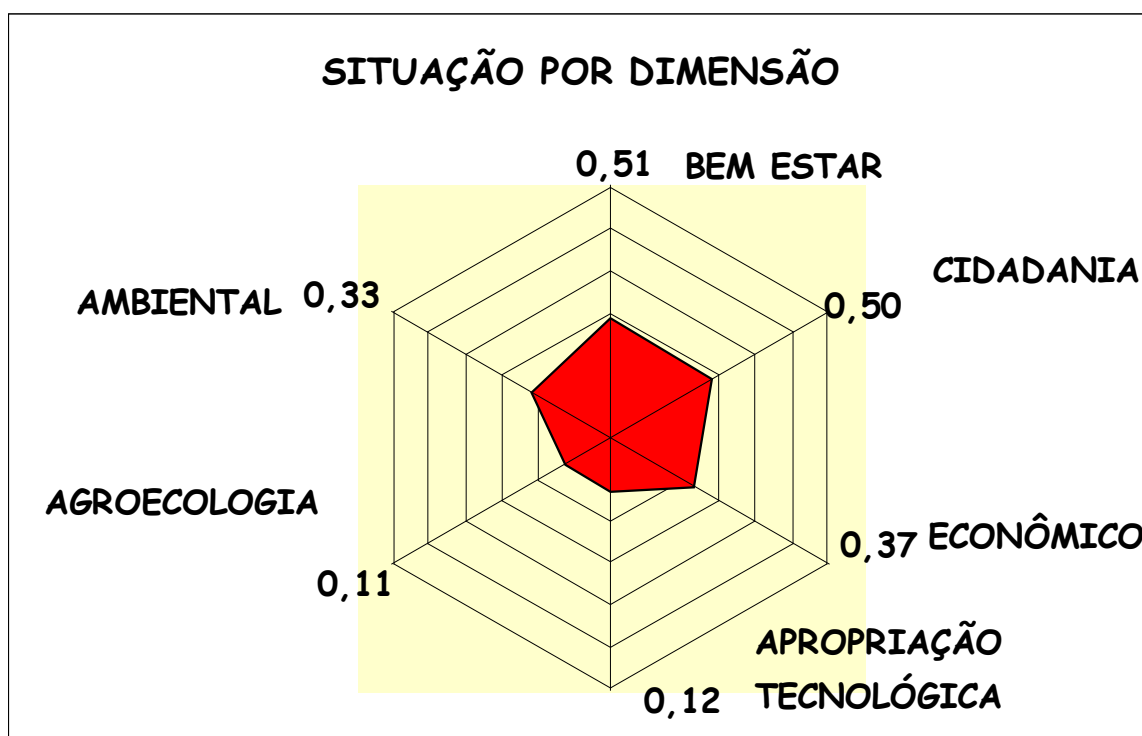
Podemos afirmar que aquela imagem gráfica é uma “fotografia” da situação daquelas famílias que foram entrevistadas, naquele momento. Outras “fotografias” poderão ser tiradas posteriormente para se fazer uma comparação das imagens gráficas de como evoluiu o processo de intervenção proposto para a comunidade. Para facilitar o entendimento da comunidade de como devem ser analisadas as imagens gráficas, sugerimos a seguinte estratégia:

- Definir que indicador representa cada eixo de análise no gráfico;
- Explicar as escalas de medição que aparecem nele;
- Demonstrar a posição da situação ideal nas suas escalas;

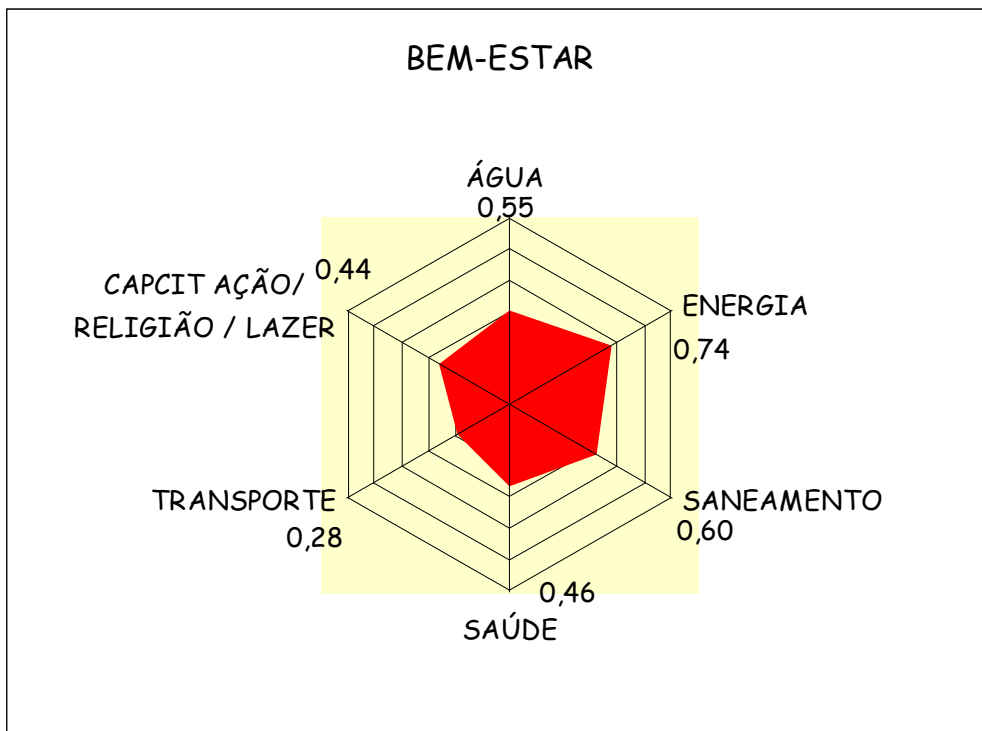
- Localizar a situação real em que se encontra a comunidade no indicador que está sendo analisado;
- Identificar as brechas entre o desejado e o real e buscar os focos para a intervenção;

Quando for o caso, definir as três prioridades para as situações de vulnerabilidades e oportunidades. Não podemos desmerecer a capacidade de convencimento que uma imagem tem para sensibilizar as autoridades da necessidade de implementação de políticas públicas. Ainda mais se for demonstrado que aquela imagem é o resultado de uma investigação primária e direta com os moradores da região, que elegeram como prioritários para intervenção de políticas públicas e privadas, após alguns eventos participativos. Assim, após definidas as três vulnerabilidades e/ou oportunidades elas devem ser fotografadas e a imagem que ilustra esses temas devem ser incluídas neste relatório-diagnóstico.

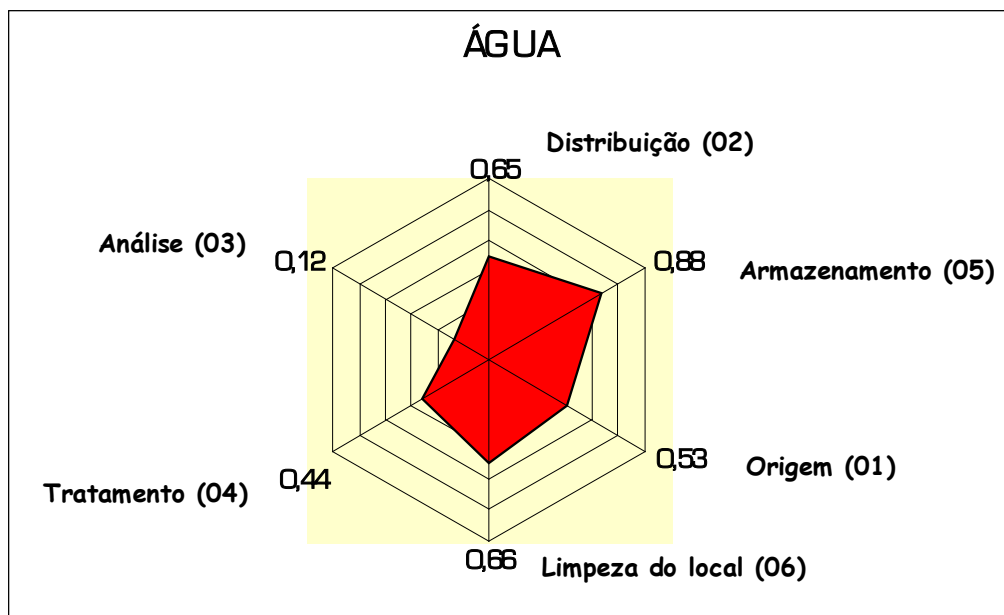
i. MULTIDIMENSIONAL



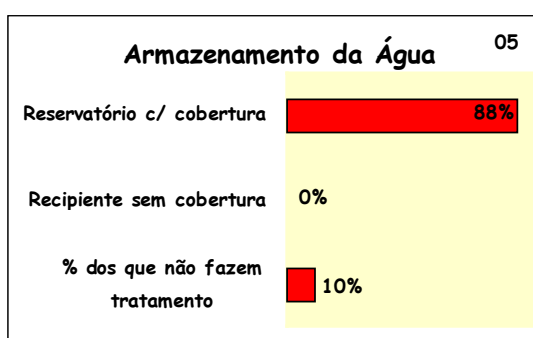
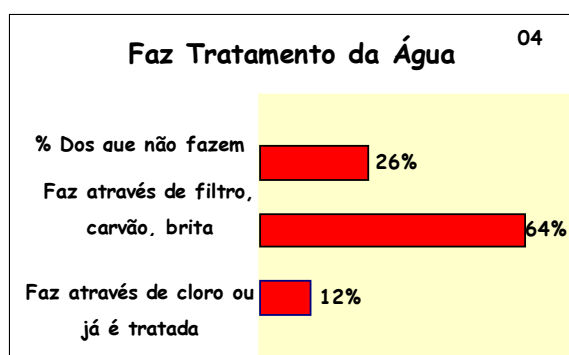
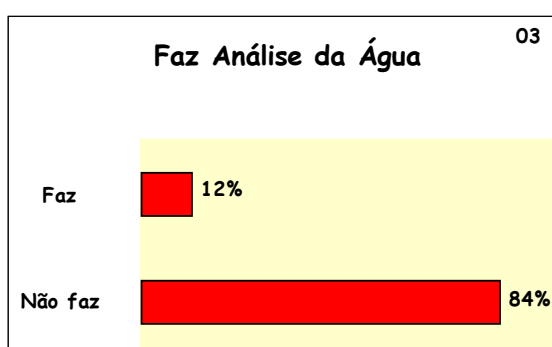
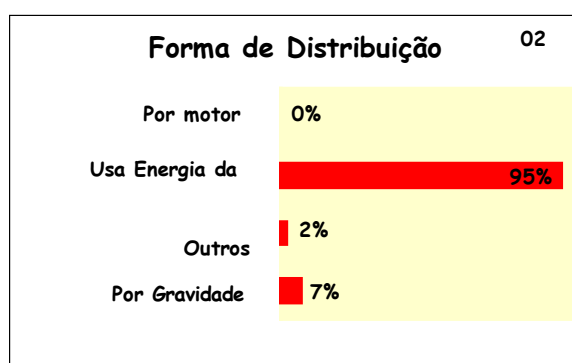
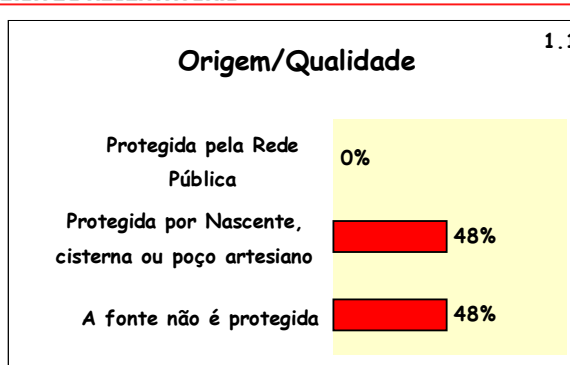
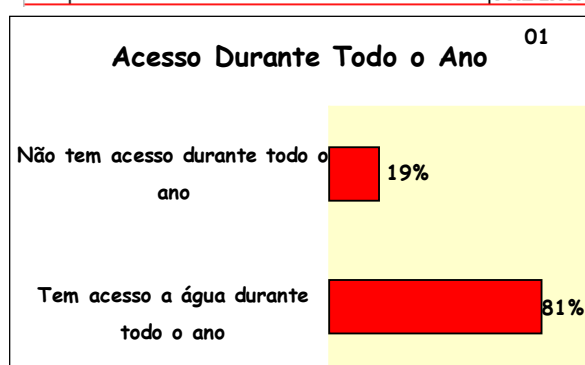
ii. BEM-ESTAR

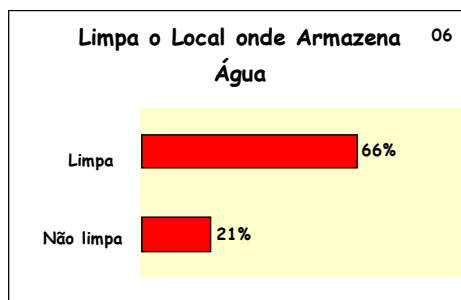


a. ÁGUA

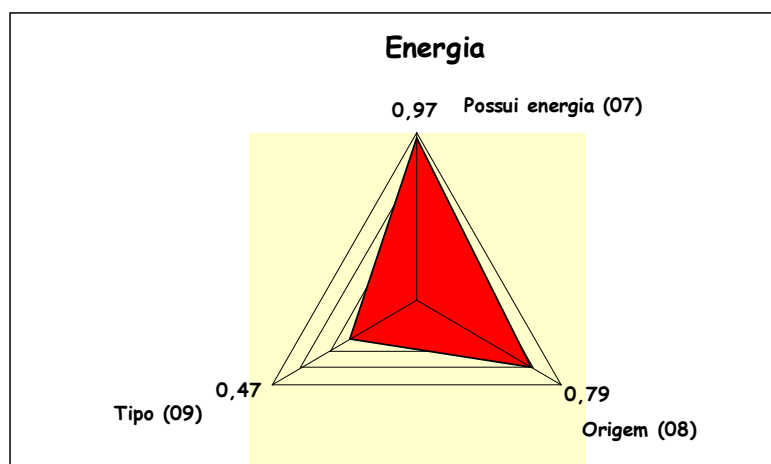


| | | | |
|---|---|---|--|
| 1 | QUANTO A QUANTIDADE E ORIGEM DA ÁGUA UTILIZADA NO LAR? | ABASTECE AS NECESSIDADES DO LAR DURANTE O ANO TODO | |
| | | A FONTE DE ÁGUA NÃO É PROTEGIDA CONTRA CONTAMINAÇÕES EXTERNAS | |
| | É PROTEGIDA | NASCENTE, CISTERNA, POÇO SEMI-ARTESIANO OU PROFUNDO | |
| | | REDE DE ÁGUA TRATADA (PÚBLICA OU PRIVADA) | |
| 2 | QUAL A FORMA DE CAPTAÇÃO DA ÁGUA UTILIZADA NO LAR? | POR GRAVIDADE | |
| | | POR CARNEIRO HIDRÁULICO, RODA D'ÁGUA, EÓLICA OU USANDO ENERGIA PRÓPRIA UTILIZANDO ENERGIA ELÉTRICA DA CEB | |
| | | POR MOTOR ESTACIONÁRIO (COMBUSTÍVEL) | |
| 3 | FAZ ANÁLISE DA ÁGUA UTILIZADA? | NÃO | |
| | | SIM | |
| 4 | FAZ TRATAMENTO DA ÁGUA UTILIZADA NO LAR? | NÃO | |
| | | FAZ ATRAVÉS DO USO DE CARVÃO E/OU BRITA E/OU AREIA E/OU FILTRO | |
| | | FAZ ATRAVÉS DO USO CONTÍNUO DE CLORO E OUTROS, OU A ÁGUA JÁ É TRATADA | |
| 5 | COMO É FEITO O ARMAZENAMENTO DA ÁGUA UTILIZADA NO LAR? | NÃO É FEITO (ir para 7) | |
| | | ATRAVÉS DE RECIPIENTE NO NÍVEL DO SOLO SEM COBERTURA | |
| | | RESERVATÓRIO (FIBRA, AMIANTO, PLÁSTICO, etc) COM COBERTURA | |
| 6 | LIMPA O LOCAL AONDE ARMAZENA ÁGUA DO LAR PELO MENOS ANUALMENTE? | NÃO FAZ LAVAGEM PERIÓDICA DO RESERVATÓRIO | |
| | | FAZ LAVAGEM PERIÓDICA DO RESERVATÓRIO | |

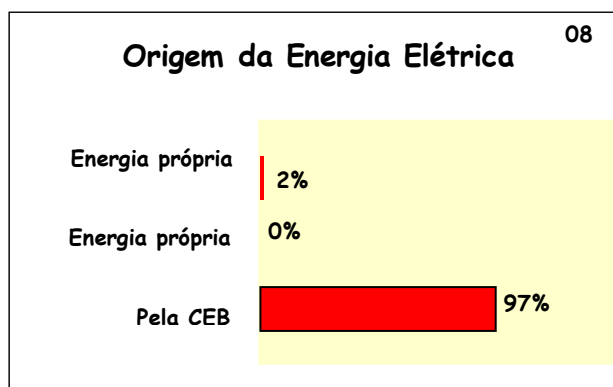
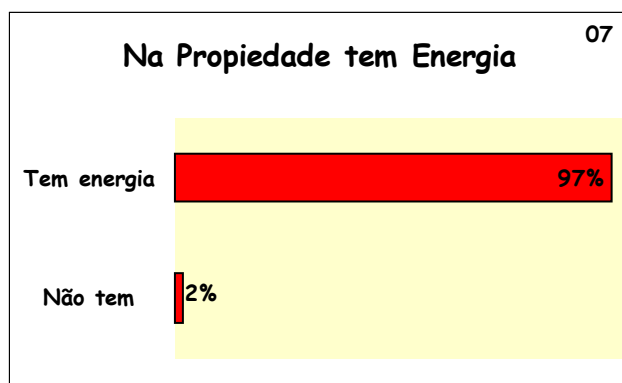


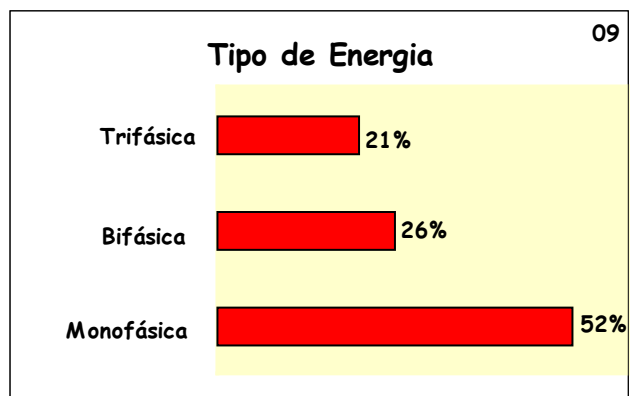


b. ENERGIA ELÉTRICA

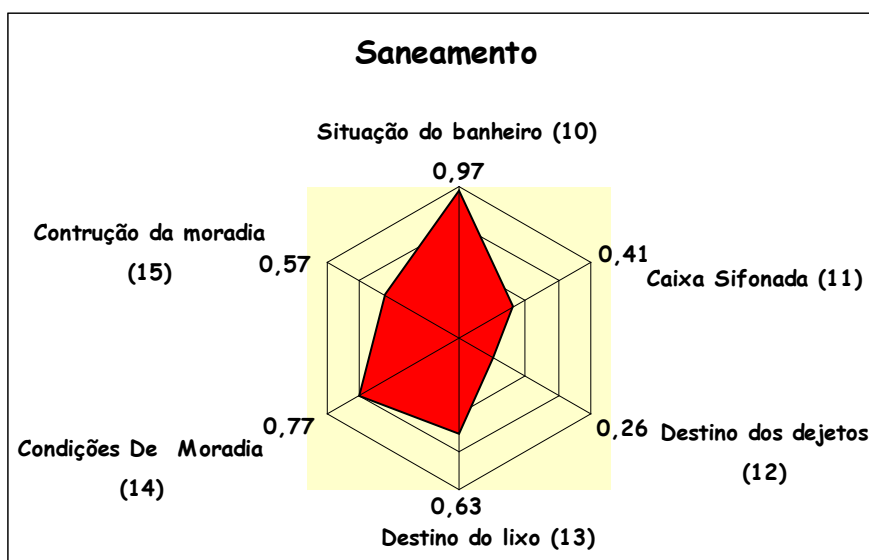


| | | | |
|---|-------------------------------------|---|---|
| 7 | A PROPRIEDADE TEM ENERGIA ELÉTRICA? | NÃO SIM | (ir para 10) |
| 8 | A ORIGEM DA ENERGIA ELÉTRICA É? | PRÓPRIA CONCESSIONÁRIA (CEB, CELG, ETC.) | (GERAÇÃO PRÓPRIA- ÁGUA/EÓLICA, MOVENDO GERADOR) (GERAÇÃO PRÓPRIA - COMBUSTÍVEL, MOVENDO GERADOR) |
| 9 | QUAL É O TIPO DE ENERGIA? | MONOFÁSICA BIFÁSICA TRIFÁSICA | |

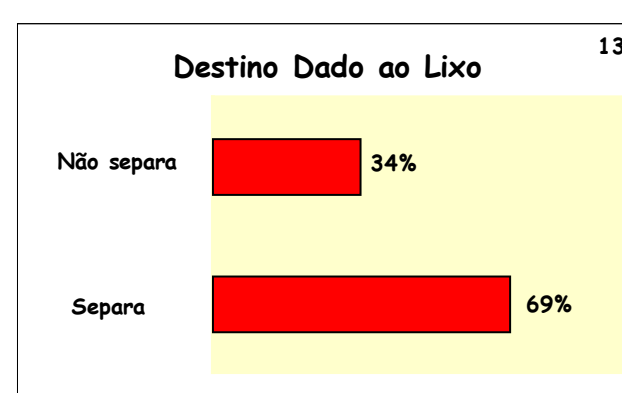
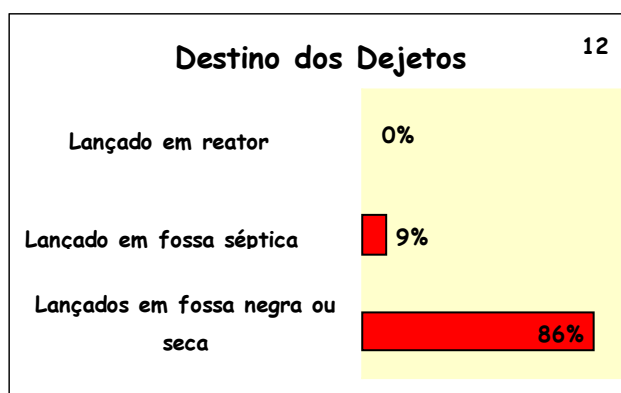
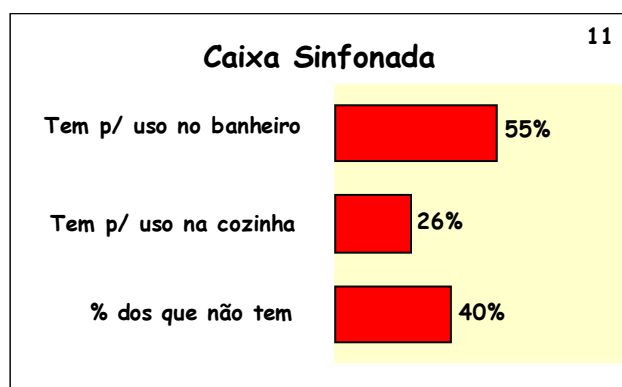
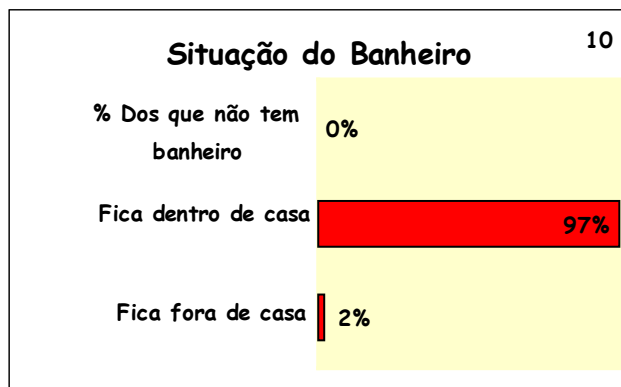


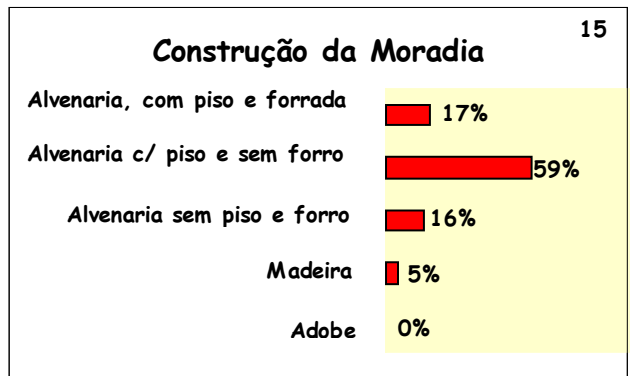
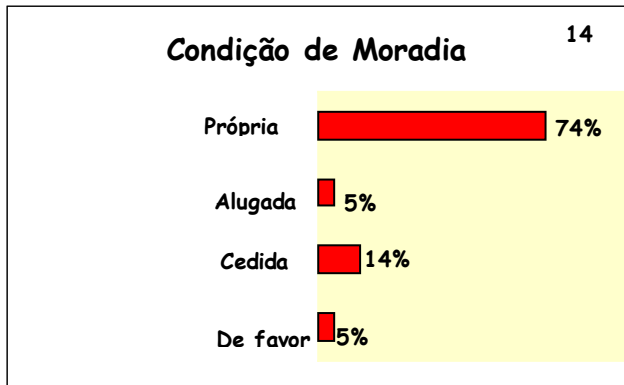
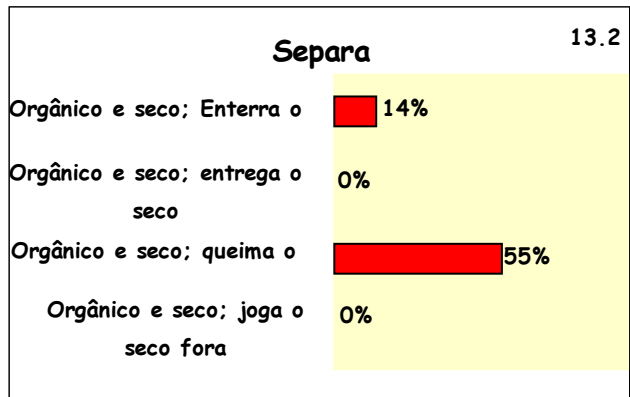
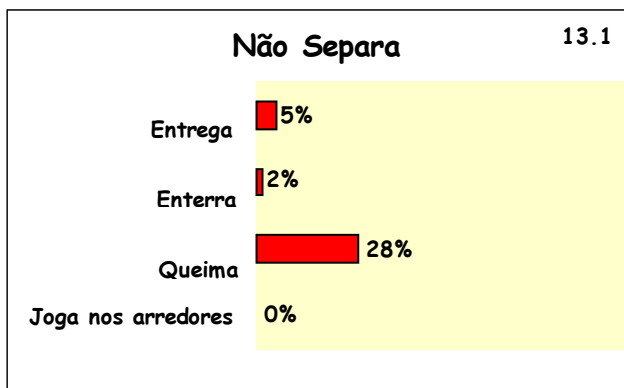


c. SANEAMENTO

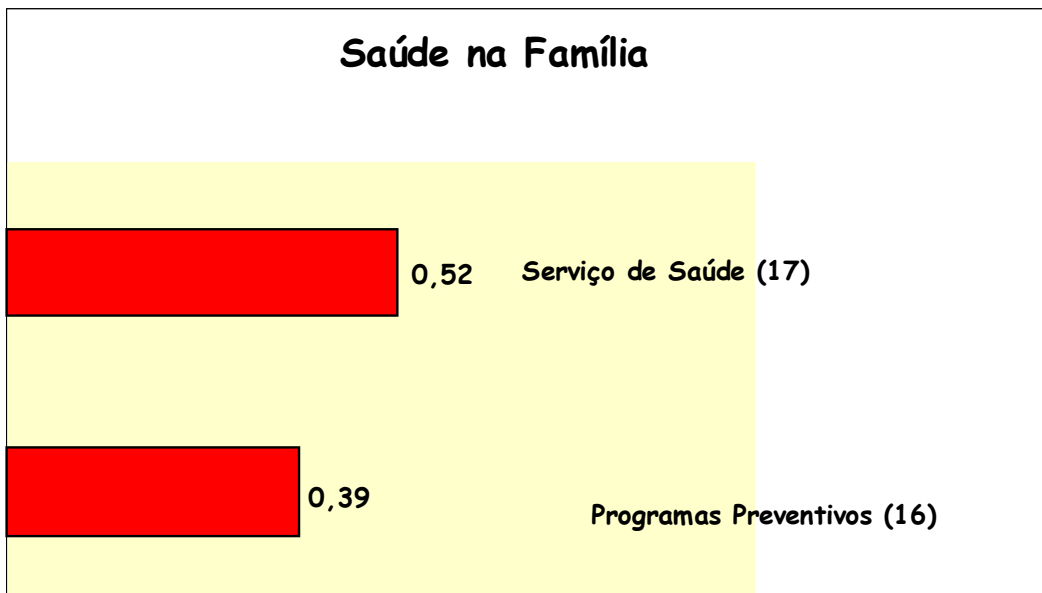


| | | | |
|---------|--|---|--|
| 10 | SITUAÇÃO DO BANHEIRO? | NÃO EXISTE | |
| | | ESTÁ LOCALIZADO DO LADO DE FORA DA CASA | |
| | | ESTÁ LOCALIZADO DO LADO DE DENTRO DA CASA | |
| 11 | TEM CAIXA SINFONADA? | NÃO EXISTE | |
| | | EXISTE PARA AS ÁGUAS SERVIDAS DA COZINHA | |
| | | EXISTE PARA AS ÁGUAS SERVIDAS DO BANHEIRO | |
| 12 | QUAL O DESTINO DAS ÁGUAS SERVIDAS E DOS DEJETOS? | SÃO LANÇADOS A CÉU ABERTO | |
| | | SÃO LANÇADOS NA FOSSA NEGRA OU SECA | |
| | | SÃO LANÇADOS NA FOSSA SÉPTICA | |
| | | SÃO LANÇADOS NO REATOR BIOLÓGICO / FOSSA ECOLÓGICA | |
| 13 | QUAL O DESTINO DADO AO LIXO? | SEPARA | ORGÂNICO E SECO, E JOGA O SECO NOS ARREDORES |
| | | | ORGÂNICO E SECO; E QUEIMA O SECO |
| | | | ORGÂNICO E SECO; E ENTERRA O SECO |
| | | | ORGÂNICO E SECO; E ENTERRA O SECO |
| | | NÃO SEPARA | JOGA NOS ARREDORES |
| | | | QUEIMA |
| | | | ENTERRA |
| ENTREGA | | | |
| 14 | QUAL A CONDIÇÃO DE MORADIA? | DE FAVOR | |
| | | CEDIDA | |
| | | ALUGADA | |
| | | PRÓPRIA | |
| 15 | QUAL O TIPO DE CONSTRUÇÃO DA MORADIA? | LONA, ADOBE, BARRO E OU PALHA | |
| | | PAREDES DE MADEIRA | |
| | | ALVENARIA, SEM PISO E SEM FORRO | |
| | | ALVENARIA, REBOCADA, COM PISO E COM / SEM FORRO | |
| | | ALVENARIA, REBOCADA, TODA PINTADA, COM PISO E FORRADA | |

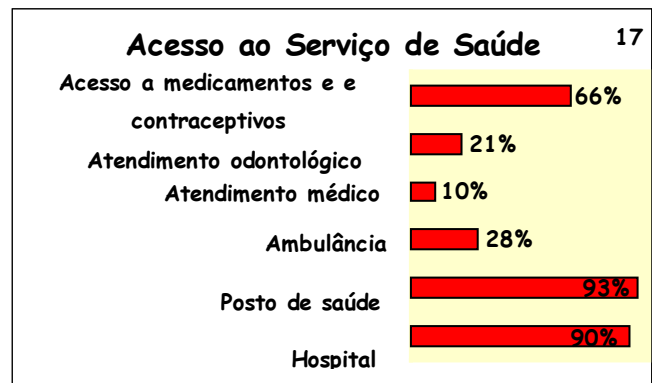
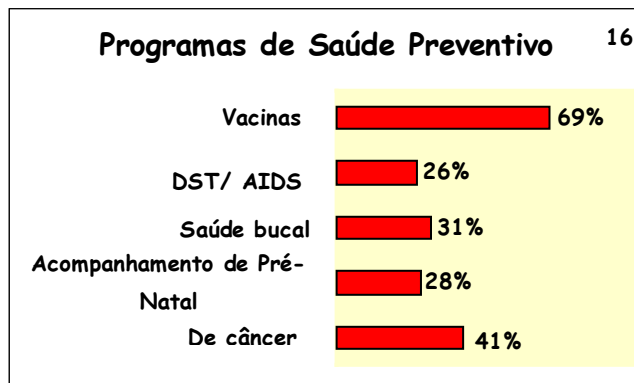




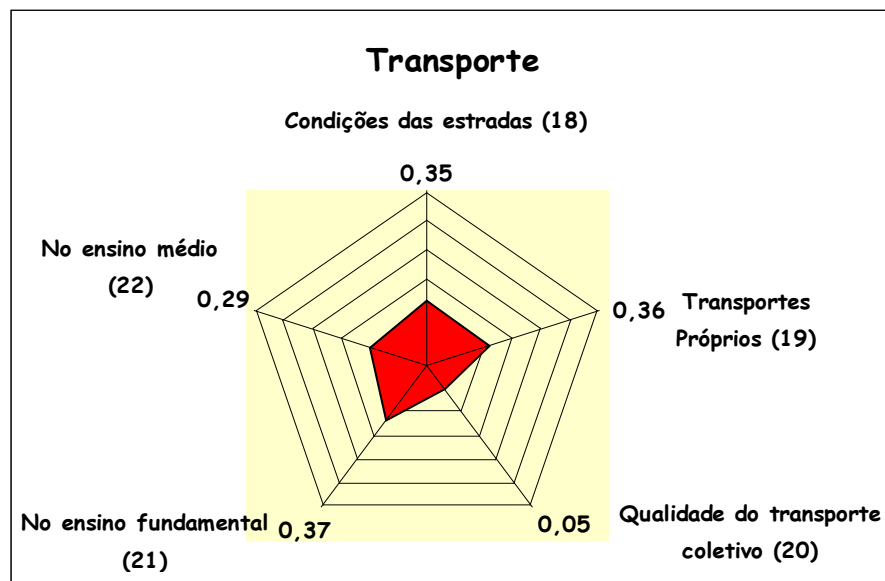
d. SAÚDE



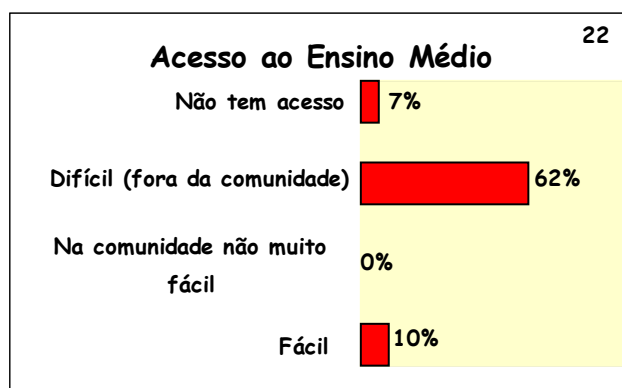
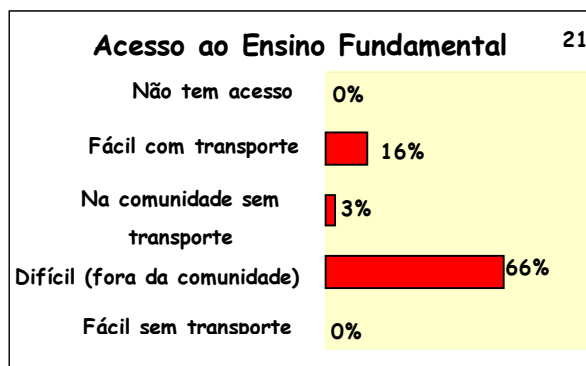
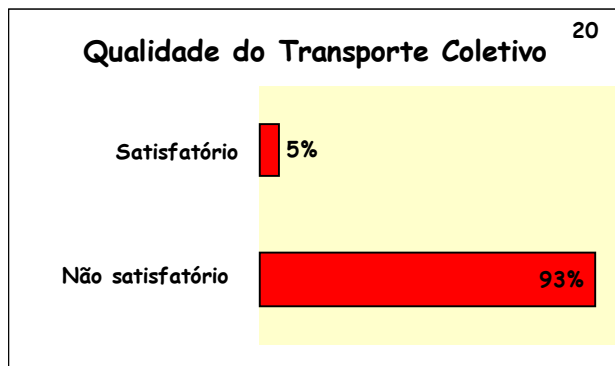
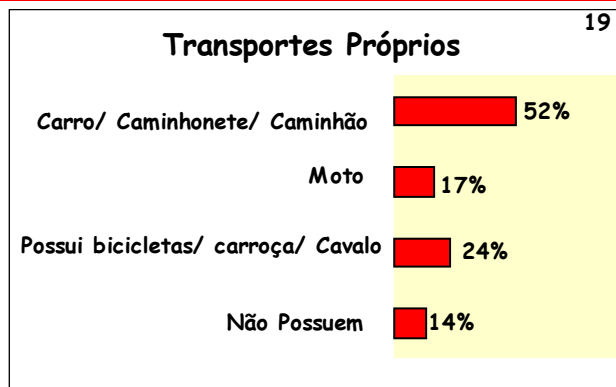
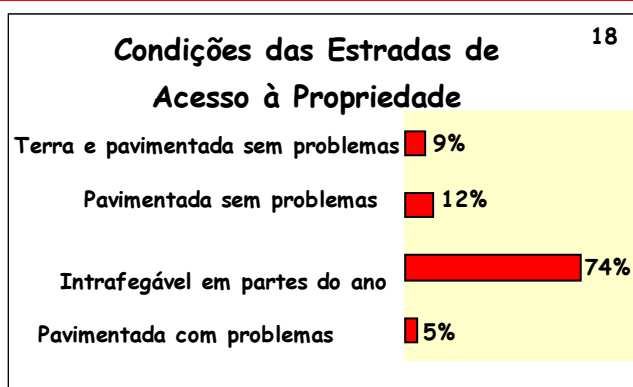
| | | |
|----|--|--|
| 16 | TEM ACESSO A PROGRAMAS DE SAÚDE PREVENTIVOS? | DE CÂNCER EM HOMEM E / OU MULHER |
| | | DE ACOMPANHAMENTO DE PRÉ-NATAL |
| | | SAÚDE BUCAL |
| | | DST/AIDS |
| | | CAMPANHAS DE VACINAÇÃO PARA CRIANÇAS, ADULTOS E IDOSOS |
| 17 | TEM ACESSO AO SERVIÇO DE SAÚDE? | HOSPITAL |
| | | POSTO DE SAÚDE |
| | | AMBULÂNCIA |
| | | ATENDIMENTO MÉDICO E/OU EQUIPE DE SAÚDE E/OU PARAMÉDICOS |
| | | ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO |
| | | ACESSO A MEDICAMENTO E CONTRACEPTIVOS |



e. TRANSPORTE

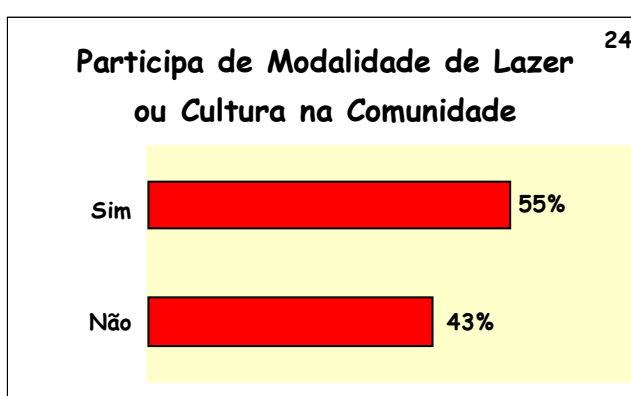
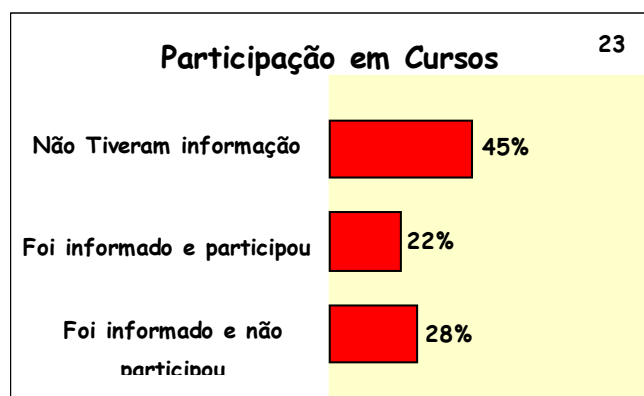
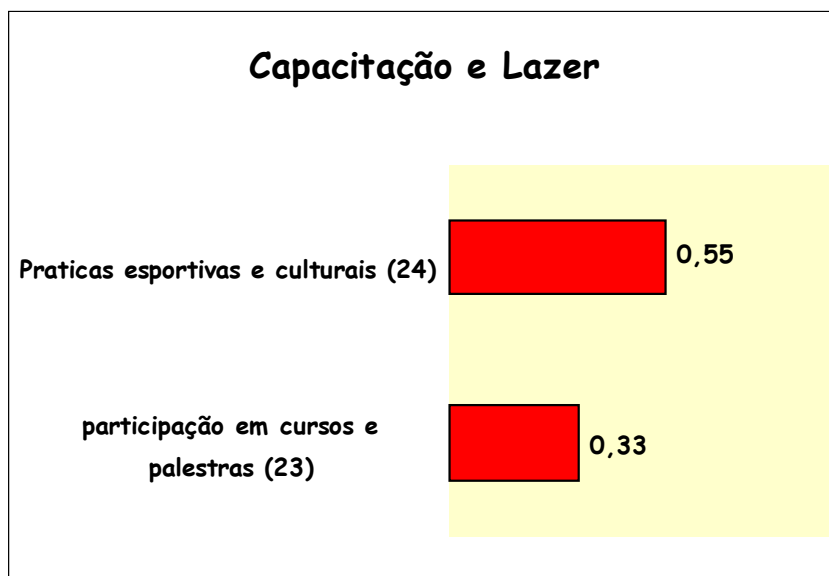


| | | | |
|----|--|--|----------------------------------|
| 18 | QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DAS ESTRADAS DE ACESSO A SUA PROPRIEDADE? | PARTE DO ANO INTRAFEGÁVEL | |
| | | TERRA OU PAVIMENTADA COM PROBLEMAS | |
| | | TERRA E PAVIMENTADA SEM PROBLEMAS | |
| | | PAVIMENTADA SEM PROBLEMAS | |
| 19 | QUAIS SÃO OS TRANSPORTES PRÓPRIOS QUE FAZ USO? | NÃO POSSUI | |
| | | BICICLETA/CARROÇA/CAVALO | |
| | | MOTO | |
| 20 | O TRANSPORTE COLETIVO É SATISFATÓRIO? | NÃO | |
| | | SIM | |
| 21 | QUANTO A DIFICULDADE DE ACESSO AO ENSINO FUNDAMENTAL? | NÃO TEM ACESSO | |
| | | É DIFÍCIL (FORA DA COMUNIDADE) | |
| | | É NA COMUNIDADE SEM TRANSPORTE | |
| | | FÁCIL (DENTRO E/OU FORA DA COMUNIDADE) | COM TRANSPORTE SEM TRANSPORTE |
| 22 | QUANTO A DIFICULDADE DE ACESSO AO ENSINO MÉDIO? | NÃO TEM ACESSO | |
| | | É DIFÍCIL (FORA DA COMUNIDADE) | |
| | | É NA COMUNIDADE E NÃO MUITO FÁCIL | |
| | | É FÁCIL (DENTRO E/OU FORA DA COMUNIDADE) | |

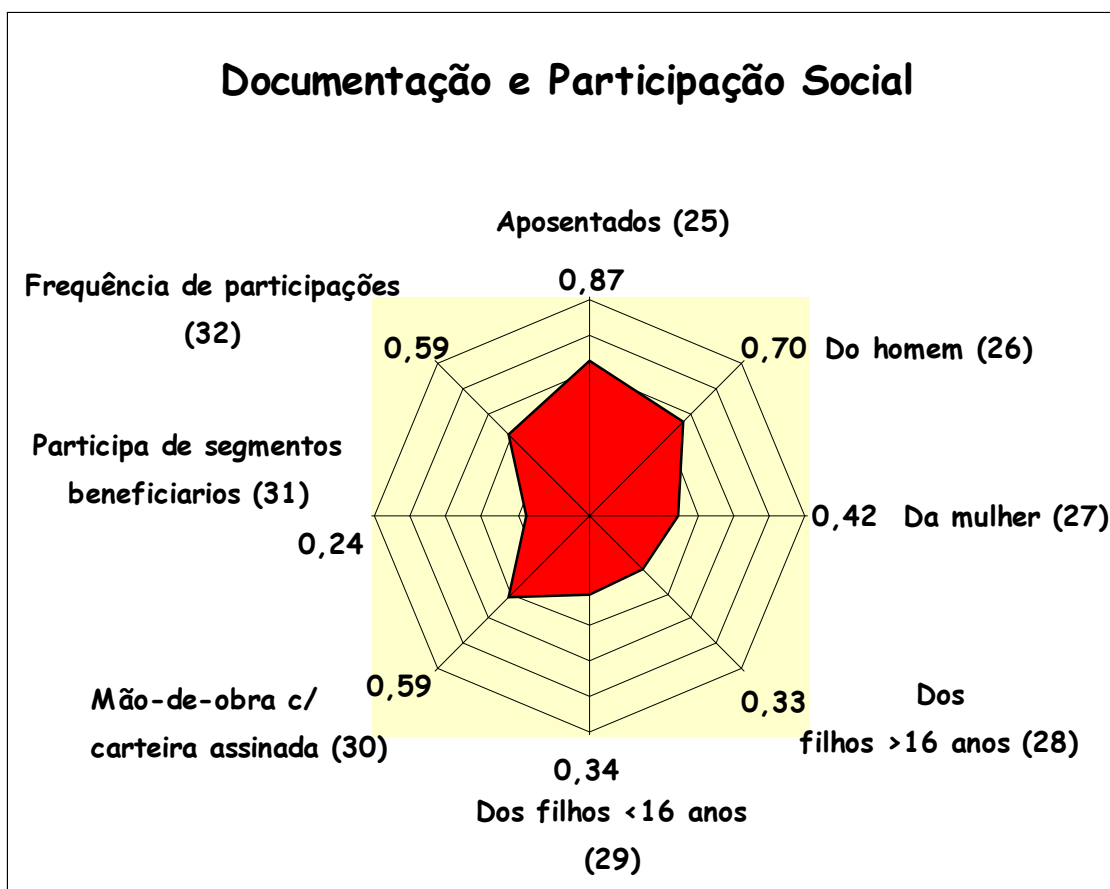
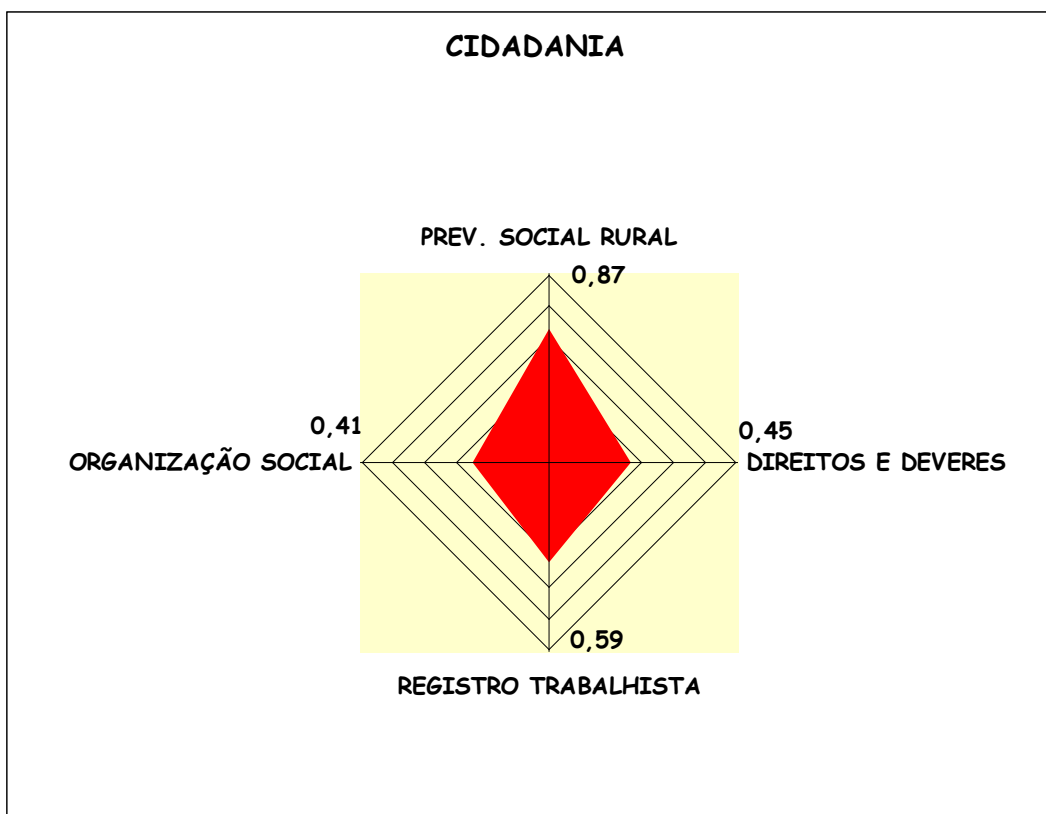


f. CAPACITAÇÃO E LAZER

| | | |
|----|---|----------------------------------|
| 23 | TEVE INFORMAÇÃO OU PARTICIPOU DE CURSO REALIZADO POR ALGUMA INSTITUIÇÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES? | NÃO TEVE INFORMAÇÃO |
| | | TEVE INFORMAÇÃO E NÃO PARTICIPOU |
| | | TEVE INFORMAÇÃO E PARTICIPOU |
| 24 | PRÁTICA ESPORTE, LAZER OU RELIGIÃO NA COMUNIDADE? | NÃO |
| | | SIM |

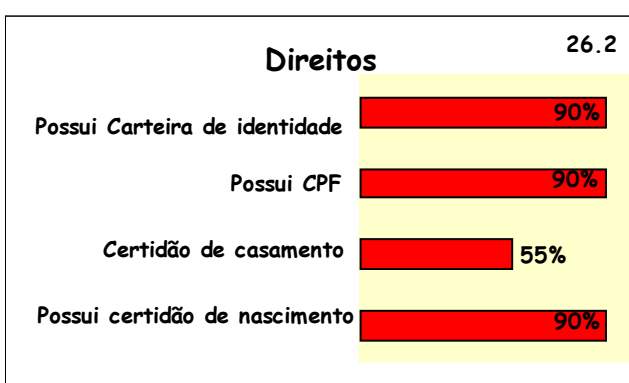
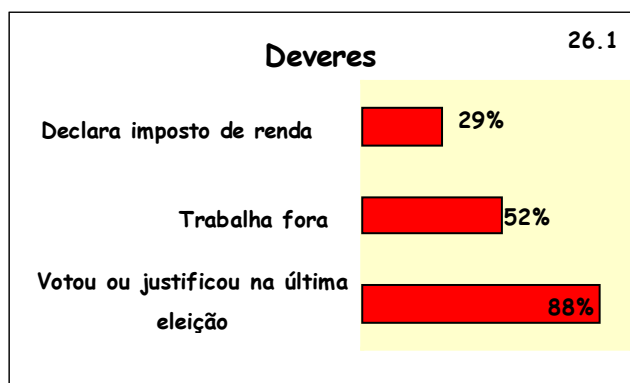
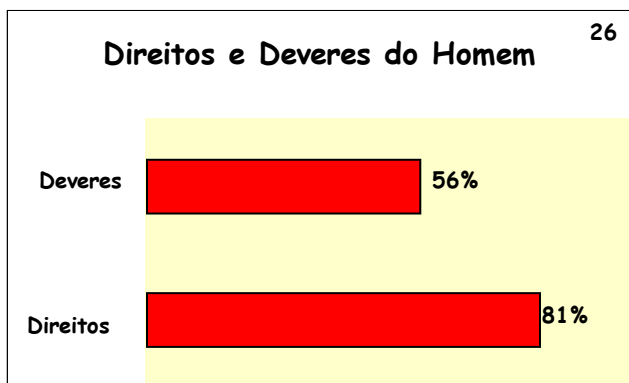
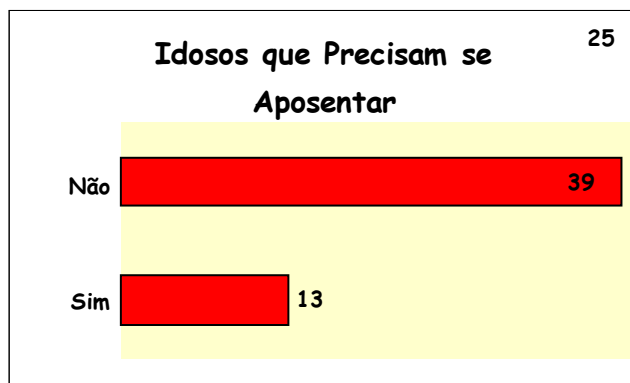


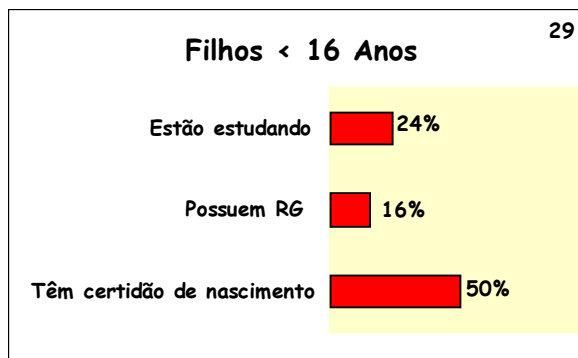
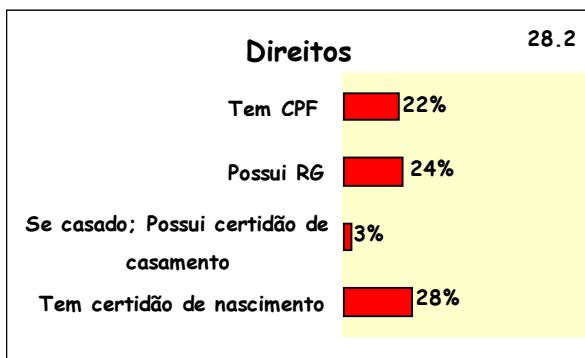
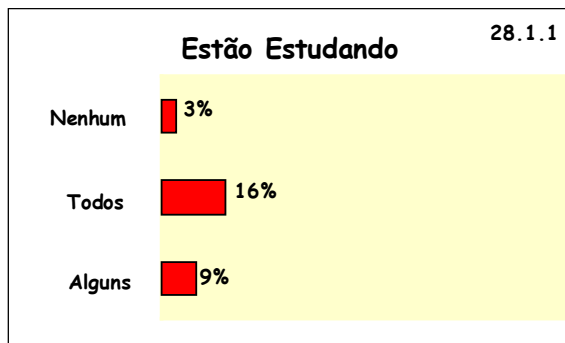
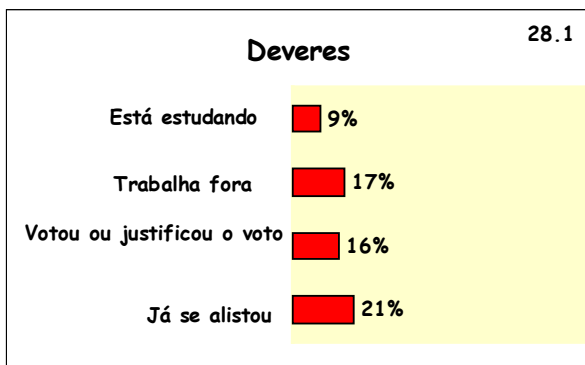
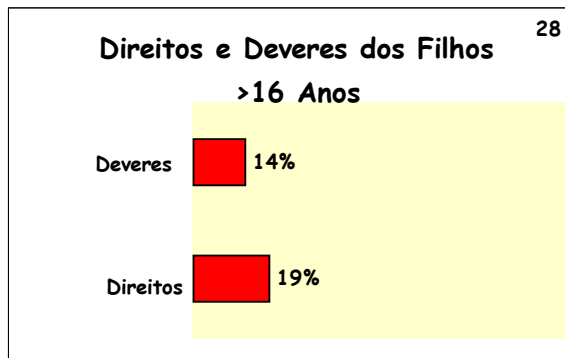
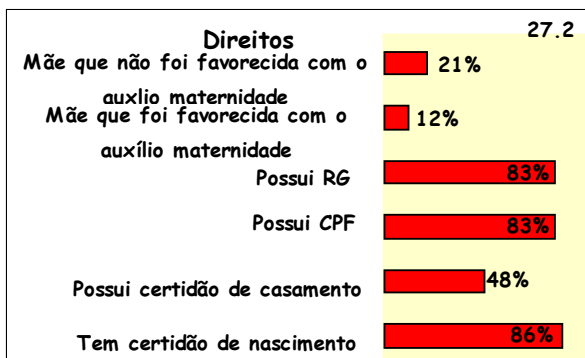
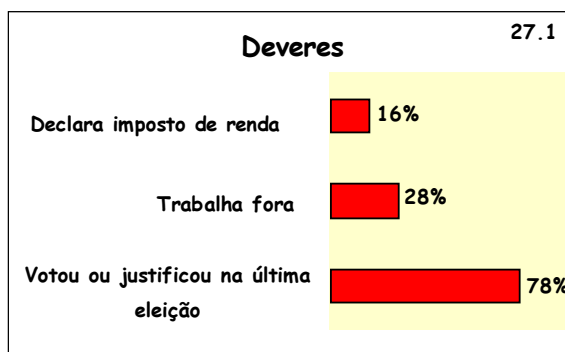
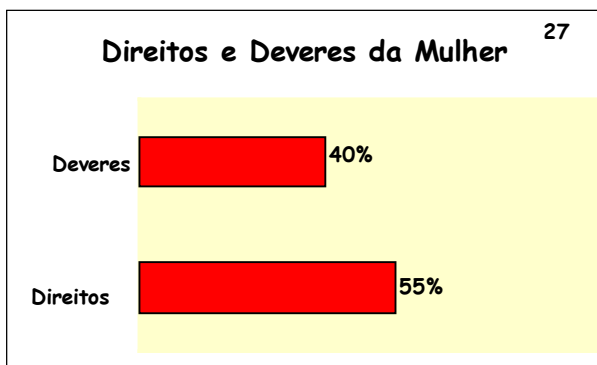
iii. CIDADANIA

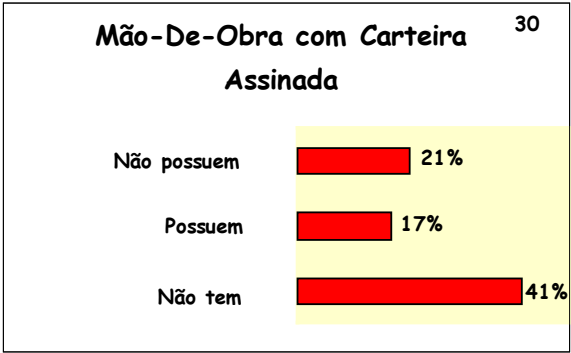
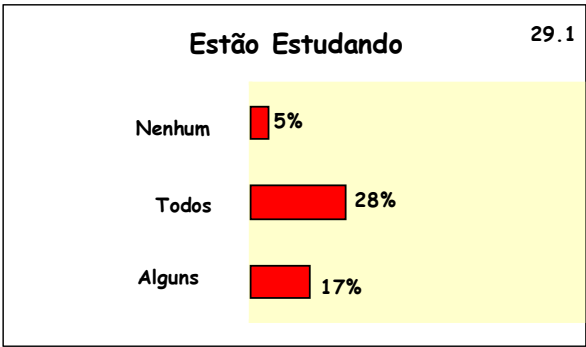


a. DIREITOS E DEVERES

| | | | | | | |
|--------------------------|---|---|--|--------|-----|-----|
| 25 | EXISTE ALGUM IDOSO; SE HOMEM (60 OU MAIS) / MULHER (55 OU MAIS) NA FAMÍLIA QUE AINDA NÃO ESTÁ APOSENTADO? <i>(OBS: MARCAR A QUANTIDADE)</i> | SIM----->QTDE | | 89 | | |
| | | NÃO | | 90 | | |
| 26 | SE HOMEM ? | DIREITOS | TEM CERTIDÃO DE NASCIMENTO (SE NÃO EXISTIR HOMEM, IR PARA 30) | 91 | | |
| | | | SE COMPÕE UM CASAL E TEM CERTIDÃO DE CASAMENTO | 92 | | |
| | | | TEM CARTEIRA DE IDENTIDADE | 93 | | |
| | | DEVERES | TEM CPF | 94 | | |
| | | | VOTOU OU JUSTIFICOU SEU VOTO NA ÚLTIMA ELEIÇÃO | 95 | | |
| | | | TEM TRABALHO FORA DA PROPRIEDADE QUE GERA RENDA COMPLEMENTAR | 96 | | |
| Declara Imposto de Renda | | | | 97 | | |
| 27 | SE MULHER? | DIREITOS | TEM CERTIDÃO DE NASCIMENTO (SE NÃO EXISTIR MULHER, IR PARA 31) | 98 | | |
| | | | SE COMPÕE UM CASAL E TEM CERTIDÃO DE CASAMENTO | 99 | | |
| | | | TEM CARTEIRA DE IDENTIDADE | 100 | | |
| | | | TEM CPF | 101 | | |
| | | DEVERES | SE MÃE NOS ÚLTIMOS 5 ANOS FOI FAVORECIDA COM AUXÍLIO-MATERNIDADE? | SIM | 102 | |
| | | | | NÃO | 103 | |
| | | | VOTOU OU JUSTIFICOU SEU VOTO NA ÚLTIMA ELEIÇÃO | | 104 | |
| | | | TEM TRABALHO FORA DA PROPRIEDADE QUE GERA RENDA COMPLEMENTAR | | 105 | |
| | | | DECLARA IMPOSTO DE RENDA | | | 106 |
| | | | | | | |
| 28 | SE OS FILHOS MAIORES QUE 16 ANOS? | DIREITOS | TÊM CERTIDÃO DE NASCIMENTO (SE NÃO EXISTIR FILHOS > 16 ANOS, IR PARA 32) | 107 | | |
| | | | COMPÕE UM CASAL E TEM CERTIDÃO DE CASAMENTO | 108 | | |
| | | | TÊM CARTEIRA DE IDENTIDADE | 109 | | |
| | | | TEM CPF | 110 | | |
| | | DEVERES | QUANTOS FILHOS >17 ANOS, AINDA NÃO FIZERAM ALISTAMENTO MILITAR | | 111 | |
| | | | VOTOU OU JUSTIFICOU SEU VOTO NA ÚLTIMA ELEIÇÃO | | 112 | |
| | | | TEM TRABALHO FORA DA PROPRIEDADE QUE GERA RENDA COMPLEMENTAR | | 113 | |
| | | | ESTÃO ESTUDANDO | ALGUNS | 114 | |
| | | | | TODOS | 115 | |
| | | | | NENHUM | 116 | |
| 29 | SE OS FILHOS MENORES QUE 16 ANOS? | TÊM CERTIDÃO DE NASCIMENTO (SE NÃO EXISTIR FILHOS<16, IR PARA 33) | | 117 | | |
| | | TÊM CARTEIRA DE IDENTIDADE | | 118 | | |
| | | ESTÃO ESTUDANDO | ALGUNS | 119 | | |
| | | | TODOS | 120 | | |
| | | | NENHUM | 121 | | |
| 30 | SE TODOS TRABALHADORES ASSÍDUOS DA PROPRIEDADE, QUE NÃO SÃO DA FAMÍLIA, TÊM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? | NÃO TEM TRABALHADORES (ir para próxima pergunta) | | 122 | | |
| | | SIM | | 123 | | |
| | | NÃO | | 124 | | |

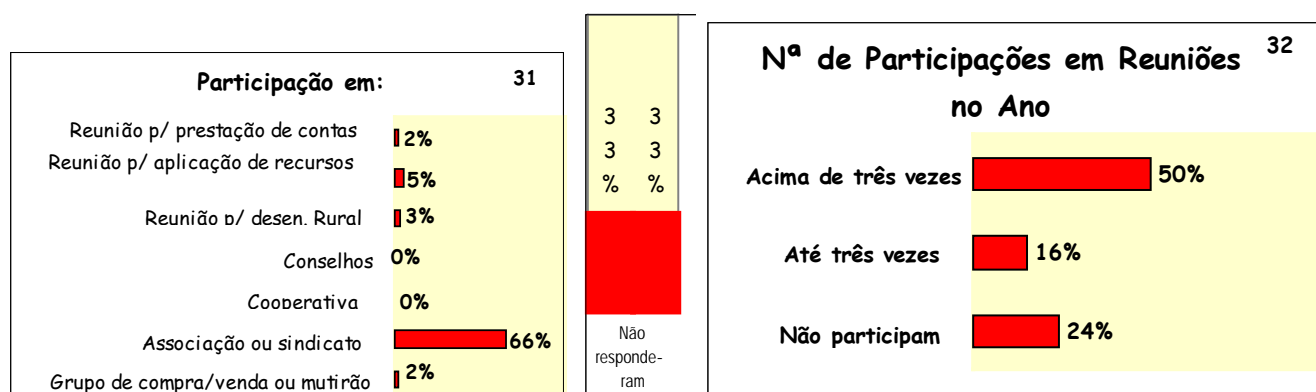




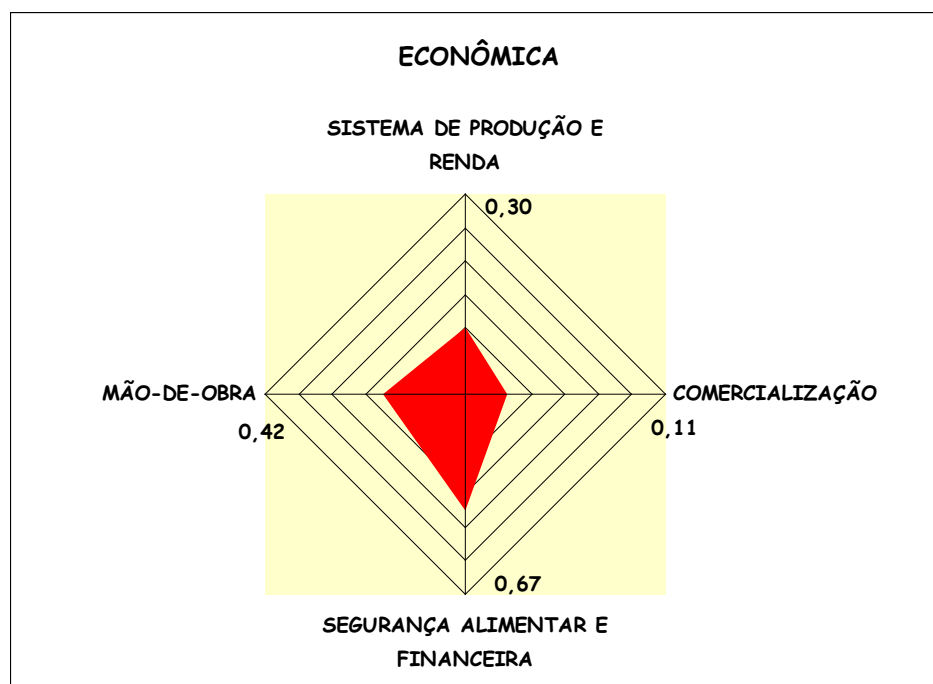


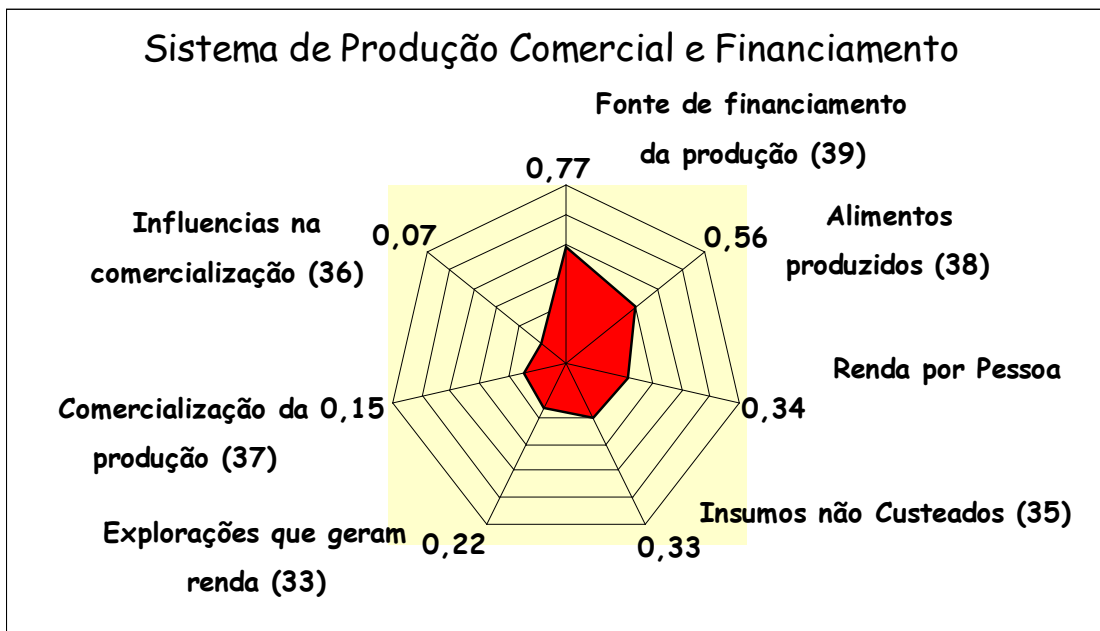
b. PARTICIPAÇÃO SOCIAL

| | | | |
|----|---|---|-----|
| 31 | PARTICIPA OU PARTICIPOU (MULHER, JOVEM, IDOSO, TRABALHADOR OU PRODUTOR) NOS ÚLIMOS DOIS ANOS DE: | GRUPO DE COMPRA, OU VENDA, OU MUTIRÃO, OU OUTROS | 125 |
| | | ASSOCIAÇÃO OU SINDICATO | 126 |
| | | COOPERATIVA | 127 |
| | | CONSELHOS | 128 |
| | | REUNIÕES DE DECISÃO SOBRE O PLANO DE DESENVOLVIMENTO RURAL | 129 |
| | | REUNIÕES PARA DEFINIR A APLICAÇÃO DE RECURSOS PÚBLICOS | 130 |
| | | REUNIÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS DAS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS PELO DESENVOLVIMENTO | 131 |
| 32 | QUANTAS VEZES ALGUM MEMBRO DA FAMÍLIA PARTICIPA DE REUNIÕES NAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS, ANUALMENTE? | NÃO PARTICIPA | 132 |
| | | ATÉ TRÊS VEZES | 133 |
| | | ACIMA DE TRÊS VEZES | 134 |



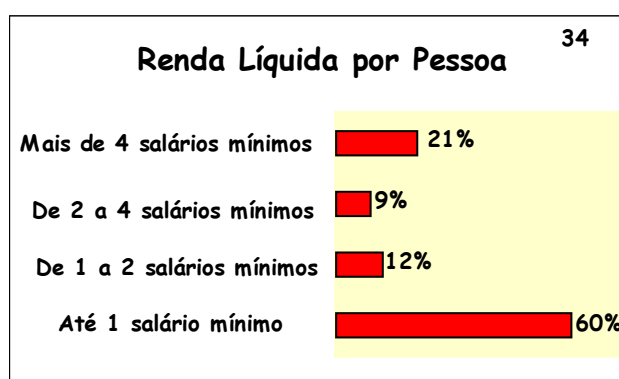
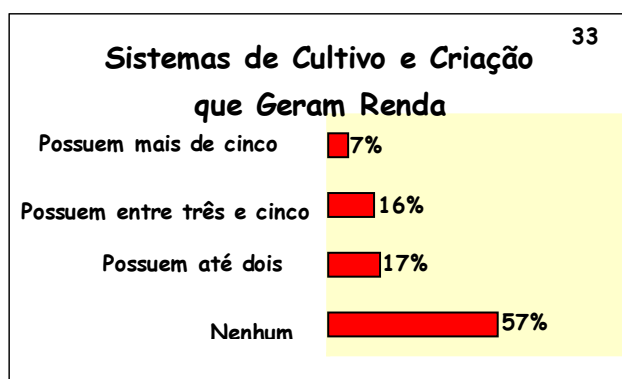
iv. ECONÔMICA



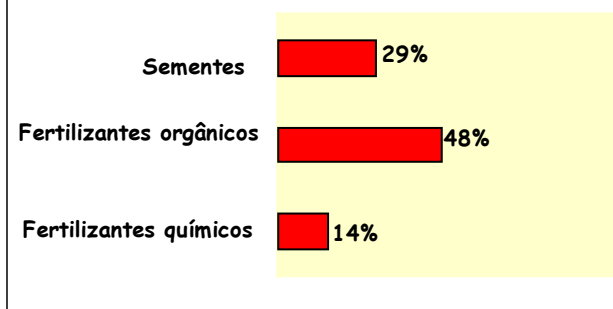


a. SISTEMA DE PRODUÇÃO E DE RENDA

| | | | |
|----|---|----------------------------|-----|
| 33 | QUANTAS EXPLORAÇÕES (DE CULTIVO E DE CRIAÇÕES) EXISTEM NA PROPRIEDADE COM A FINALIDADE DE GERAR RENDA ? | NENHUM | 135 |
| | | ATÉ DOIS | 136 |
| | | DE TRÊS A CINCO | 137 |
| | | MAIS DE CINCO | 138 |
| 34 | QUAL A RENDA LÍQUIDA FAMILIAR NESTA UNIDADE PRODUTIVA QUE É ESTIMADA POR PESSOA? | ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO | 139 |
| | | DE 1 A 2 SALÁRIOS MÍNIMOS | 140 |
| | | DE 2 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS | 141 |
| | | MAIS DE 4 SALÁRIOS MÍNIMOS | 142 |
| 35 | QUAIS DESTES INSUMOS SÃO COMPRADOS? | FERTILIZANTES QUÍMICOS | 143 |
| | | FERTILIZANTES ORGÂNICOS | 144 |
| | | SEMENTES | 145 |

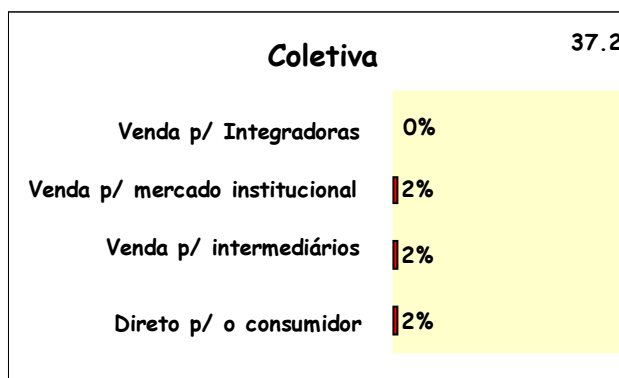
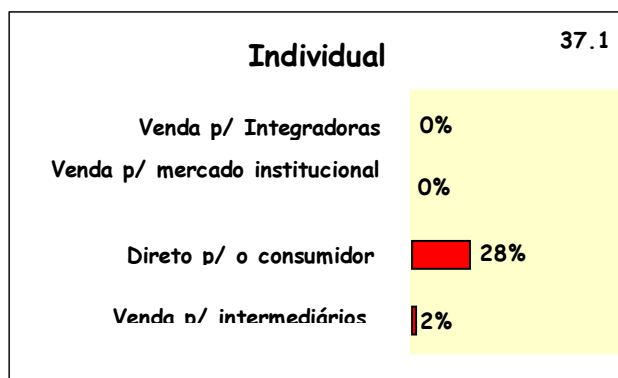
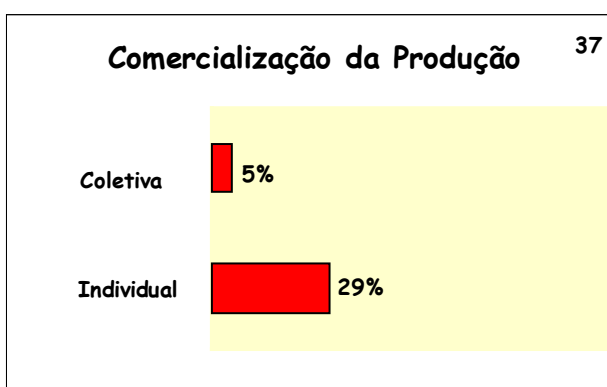
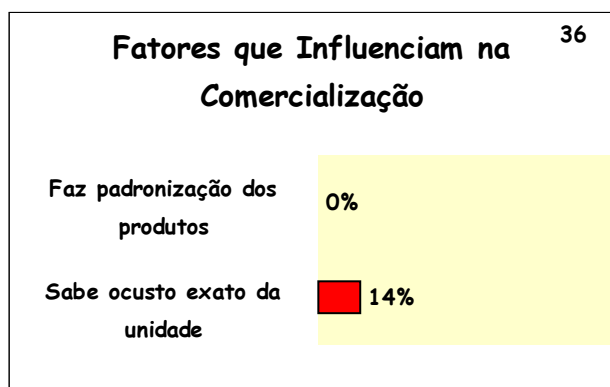


Insumos Adquiridos Sem Custo ³⁵



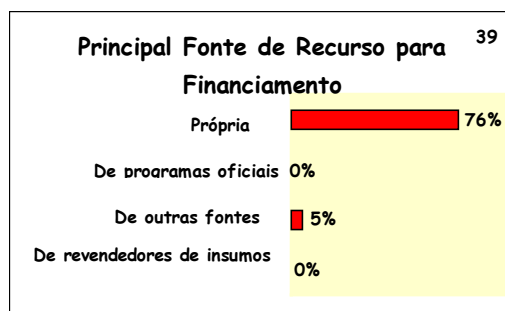
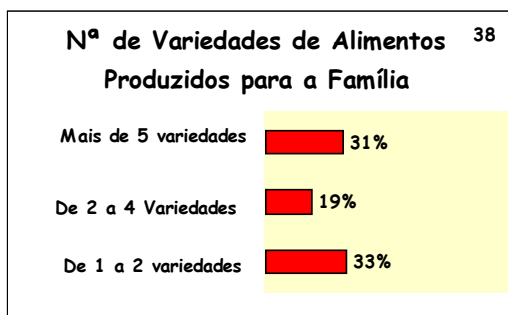
COMERCIALIZAÇÃO

| | | | | |
|----|---|---|-----------------------|-----|
| 36 | QUANTO AOS FATORES QUE INFLUECIAM NA COMERCIALIZAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS? | SABE O CUSTO EXATO DE UMA UNIDADE SUA, QUE É COMERCIALIZADA | 146 | |
| | | FAZ PADRONIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS | 147 | |
| 37 | DE QUE FORMA É FEITA A COMERCIALIZAÇÃO DA SUA PRODUÇÃO? O QUE PREVALECE | INDIVIDUAL | PARA INTERMEDIÁRIOS | 148 |
| | | | DIRETO AO CONSUMIDOR | 149 |
| | | | MERCADO INSTITUCIONAL | 150 |
| | | COLETIVA | PARA INTEGRADORA | 151 |
| | | | PARA INTERMEDIÁRIOS | 152 |
| | | | DIRETO AO CONSUMIDOR | 153 |
| | | MERCADO INSTITUCIONAL | 154 | |
| | | PARA INTEGRADORA | 155 | |

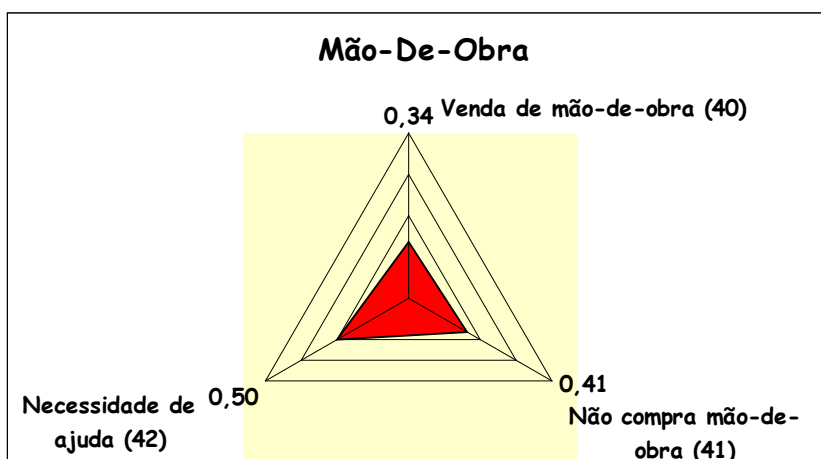


b. SEGURANÇA ALIMENTAR E FINANCEIRA

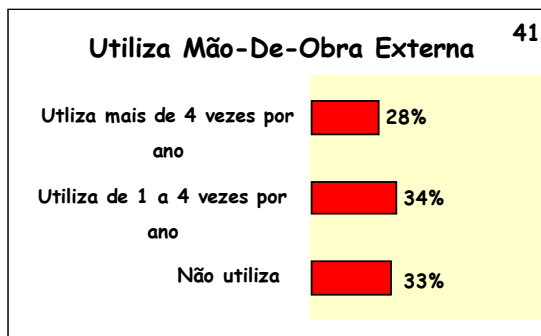
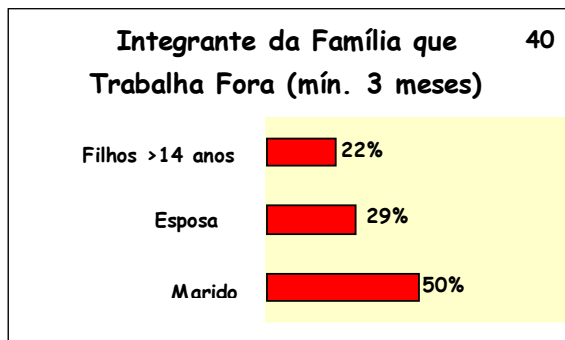
| | | | |
|----|---|-----------------------------------|-----|
| 38 | QUANTAS VARIEDADES DE ALIMENTOS (hortaliças, frutas, grãos, ovos, leite carne) SÃO PRODUZIDAS NA PROPRIEDADES E SUFICIENTES PARA ALIMENTAR A FAMÍLIA? | NENHUMA | 156 |
| | | DE 1 A 2 DESSAS VARIEDADES | 157 |
| | | MAIS DE 2 ATÉ 4 DESSAS VARIEDADES | 158 |
| | | MAIS DE 5 DESSAS VARIEDADES | 159 |
| 39 | QUAL A ORIGEM PRINCIPAL DA FONTE DE RECURSOS QUE FINANCIA A SUA PRODUÇÃO? | DE REVENDEDORES DE INSUMOS | 160 |
| | | DE OUTRAS FONTES | 161 |
| | | DE PROGRAMAS OFICIAIS | 162 |
| | | PRÓPRIA | 163 |

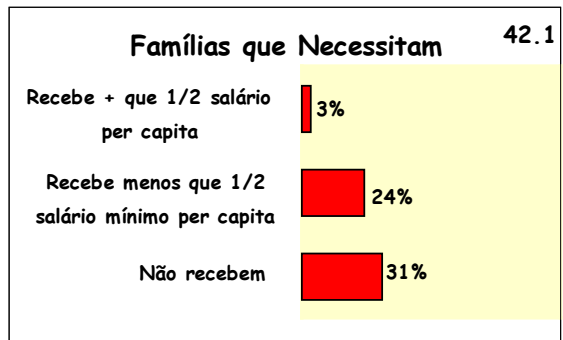
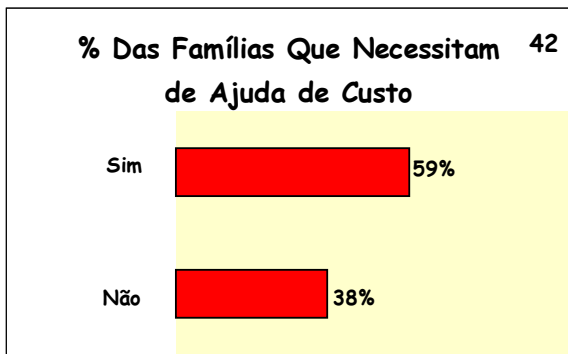


c. MÃO-SE-OBRA

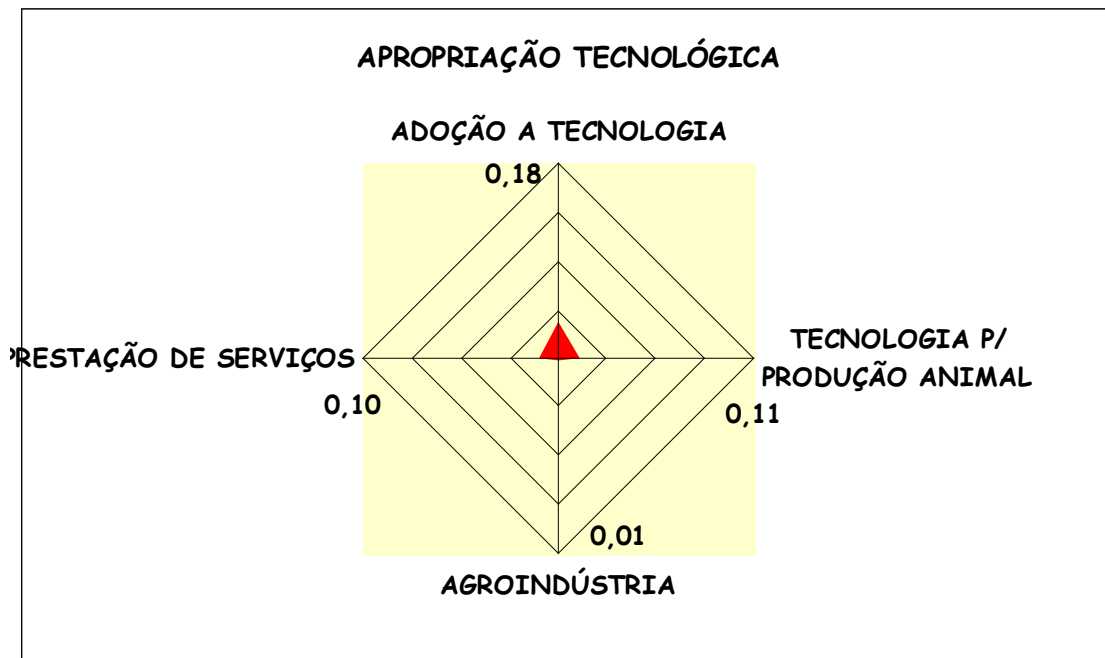


| | | | |
|----|---|-----------------------------------|--|
| 40 | QUEM DA FAMÍLIA TRABALHA FORA DA UNIDADE PRODUTIVA PELO MENOS 3 MESES POR ANO? | MARIDO | SIM |
| | | | NÃO |
| | | ESPOSA | SIM |
| | | | NÃO |
| 41 | UTILIZA MÃO-DE-OBRA EXTERNA PARA ALGUMAS ATIVIDADES NA PROPRIEDADE? | FILHOS > DE 14 ANOS | SIM |
| | | | NÃO |
| | | NÃO | |
| 42 | A FAMÍLIA TEM NECESSIDADE DE RECEBER ALGUMA AJUDA DE CUSTO DO GOVERNO? (BOLSA, VALES DE POLÍTICAS COMPENSATÓRIAS, ETC.) | NÃO (VAI PARA A PRÓXIMA PERGUNTA) | |
| | | SIM | E NÃO RECEBE |
| | | | RECEBE MAIS DE 1/2 SALÁRIOS MÍNIMOS PER CAPITA |
| | | | RECEBE MAIS DE 1/3 SALÁRIO MÍNIMO PER CAPTA |



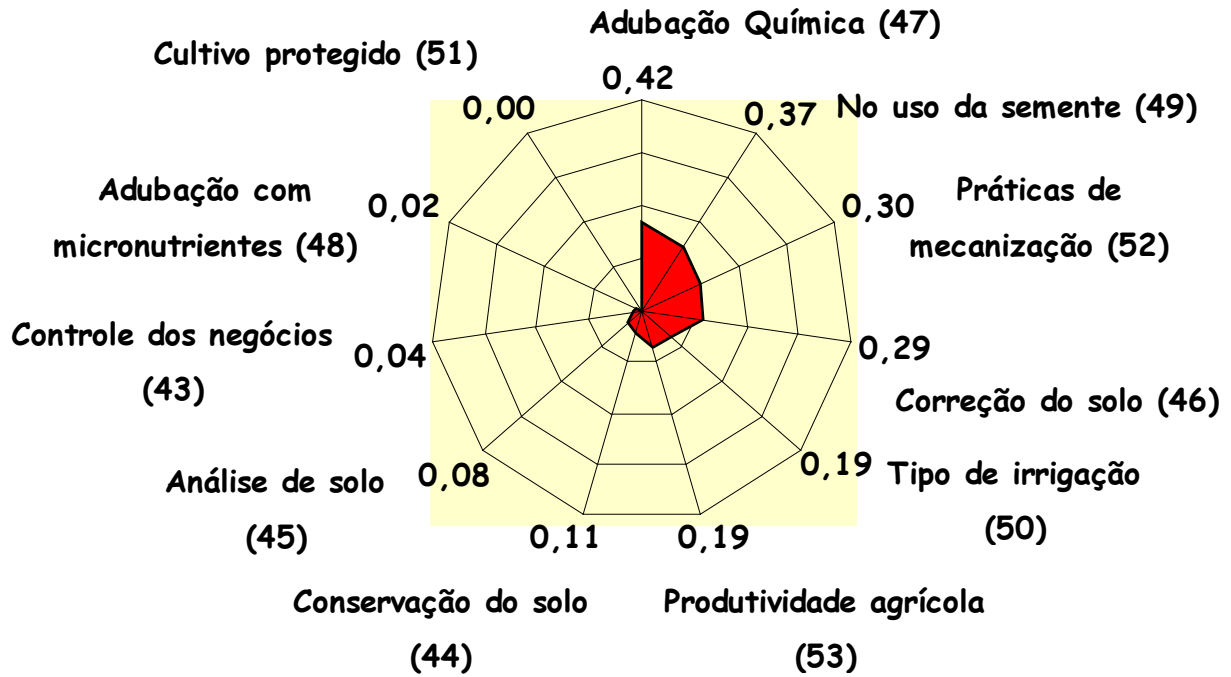


v. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA

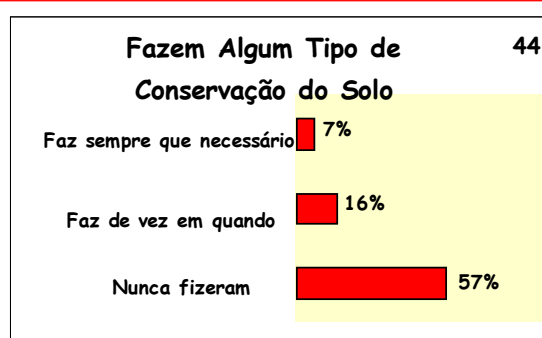
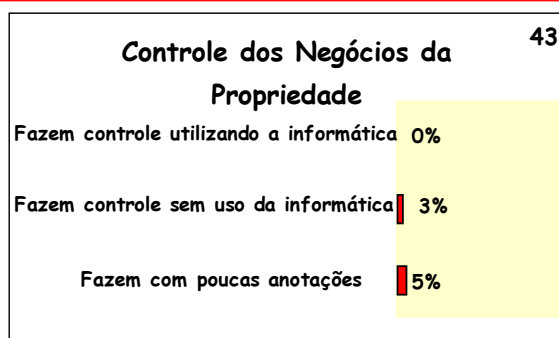


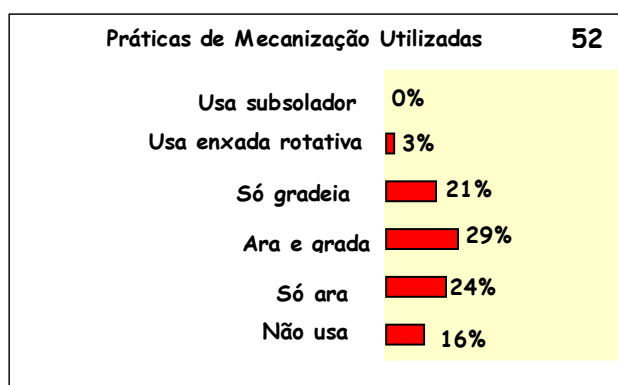
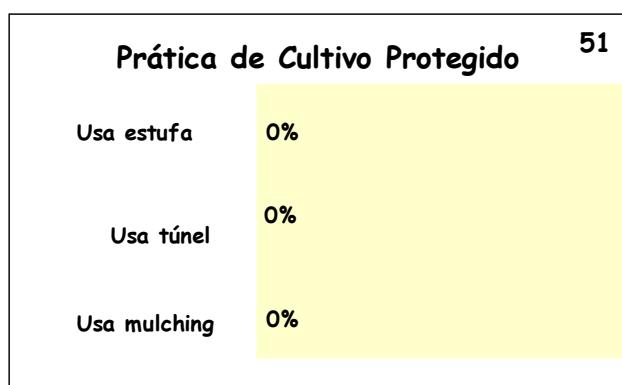
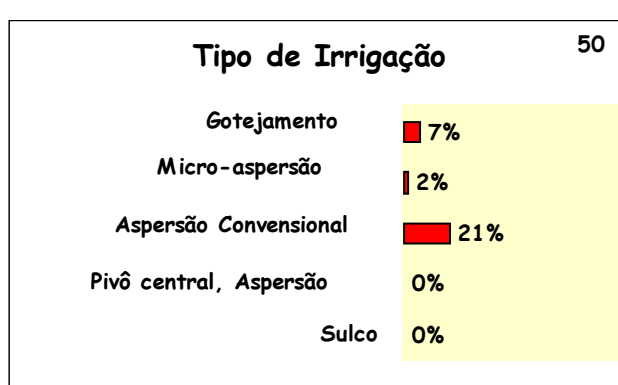
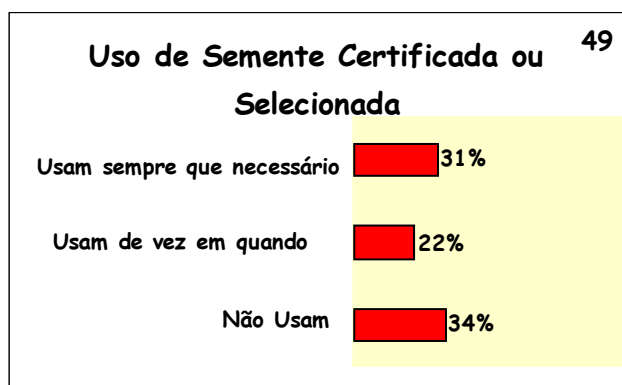
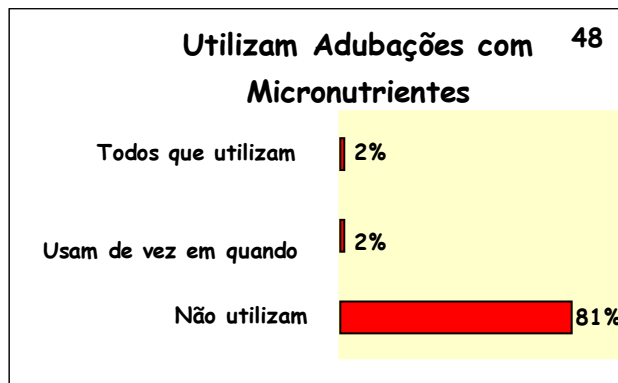
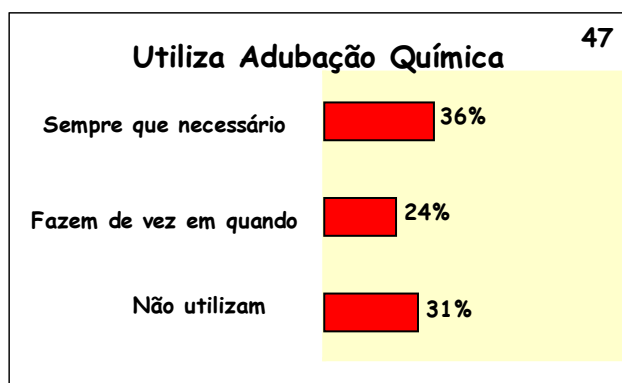
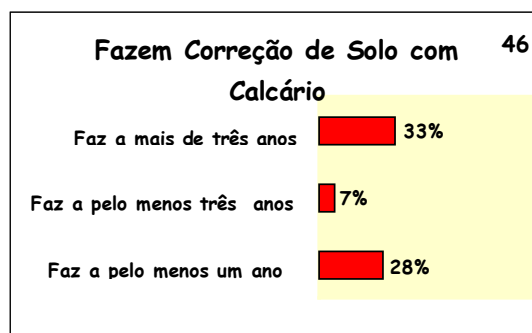
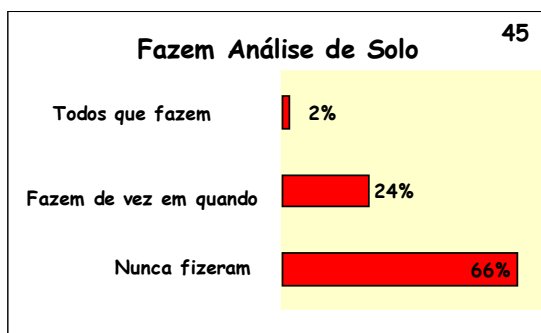
a. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA AGRICULTURA

Adoção de Tecnologia



| | | |
|----|---|---|
| 43 | DE QUE FORMA FAZ CONTROLE DOS NEGÓCIOS DA SUA PROPRIEDADE? | NÃO FAZ CONTROLE DO CUSTO DA SUA PRODUÇÃO |
| | | FAZ COM POUCAS ANOTAÇÕES |
| | | FAZ COM ANOTAÇÕES DOS CUSTOS DA PRODUÇÃO E ATÉ DA VENDA |
| | | FAZ CONTROLE E UTILIZA A INFORMÁTICA PARA TOMADA DE DECISÃO |
| 44 | FAZ ALGUM TIPO DE CONSERVAÇÃO DE SOLO? | NUNCA FEZ NEHUMA PRÁTICA, MESMO NECESSITANDO |
| | | FAZ DE VEZ EM QUANDO |
| | | FAZ SEMPRE QUE NECESSÁRIO OU NÃO NECESSITA FAZER |
| 45 | FAZ ANÁLISE DE SOLO? | NÃO FAZ |
| | | FAZ DE VEZ EM QUANDO |
| | | FAZ SEMPRE QUE NECESSÁRIO |
| 46 | FEZ CORREÇÃO DE SOLO COM CALCÁRIO? | HÁ PELO MENOS 1 ANO |
| | | HÁ PELO MENOS 3 ANOS |
| | | HÁ MAIS DE TRÊS ANOS |
| 47 | UTILIZA ADUBAÇÃO QUÍMICA (NPK) DO SOLO? | NÃO |
| | | DE VEZ EM QUANDO |
| | | SEMPRE QUE NECESSÁRIO |
| 48 | UTILIZA ADUBAÇÃO DE MICRONUTRIENTES DO SOLO? | NÃO FAZ |
| | | DE VEZ EM QUANDO |
| | | SEMPRE QUE NECESSÁRIO |
| 49 | USA SEMENTECERTIFICADA OU SELECIONADA? | NÃO |
| | | DE VEZ EM QUANDO |
| | | SEMPRE QUE NECESSÁRIO |
| 50 | QUAL O TIPO DE IRRIGAÇÃO QUE PREVALECE NA PROPRIEDADE? | NÃO USA |
| | | SULCO |
| | | PIVÔ CENTRAL, ASPERSÃO CANHÃO OU AUTO PROPELIDO |
| | | ASPERSÃO CONVENCIONAL |
| | | MICRO-ASPERSÃO |
| 51 | QUAL A PRÁTICA DE CULTIVO PROTEGIDO QUE MAIS PREVALECE NA PROPRIEDADE? | NÃO USA |
| | | USA MULCHING |
| | | USA TÚNEL |
| | | USA ESTUFA |
| | | |
| 52 | QUAIS AS PRÁTICAS DE MECANIZAÇÃO QUE PREVALECEM NA PROPRIEDADE? | NUNCA USOU |
| | | SÓ ARA |
| | | ARA E GRADEIA |
| | | SÓ GRADEIA |
| | | USA ENXADA ROTATIVA |
| 53 | A PRODUTIVIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS COM MAIOR IMPORTÂNCIA ECONÔMICA PARA A FAMÍLIA ESTÁ EM QUE NÍVEL? (VER TABELA DO IPA AGRÍCOLA DA UL) | USA SUBSOLADOR |
| | | NÃO PRODUZ |
| | | ABAIXO DA MÉDIA |
| | | MÉDIA |
| | | ACIMA DA MÉDIA |



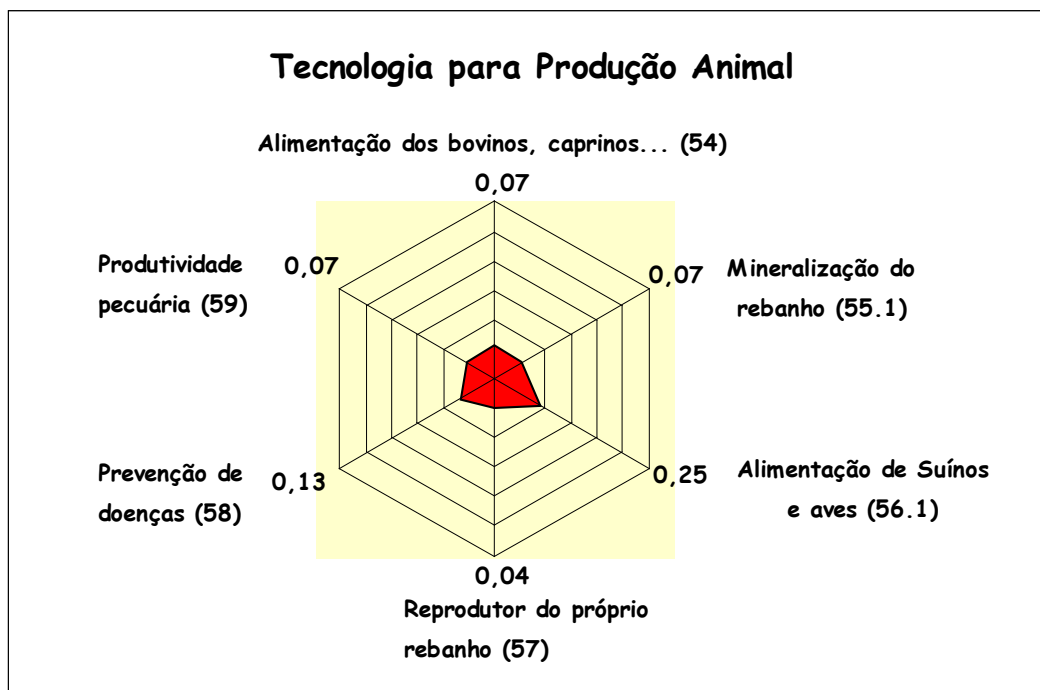


Nível da Produtividade da Exploração Agrícola

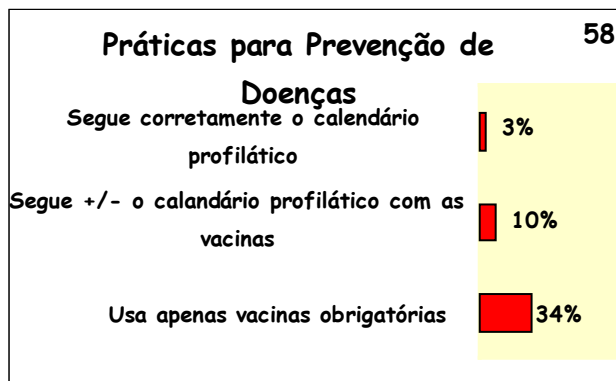
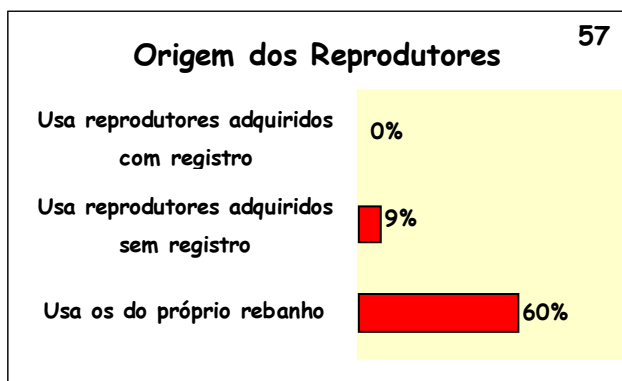
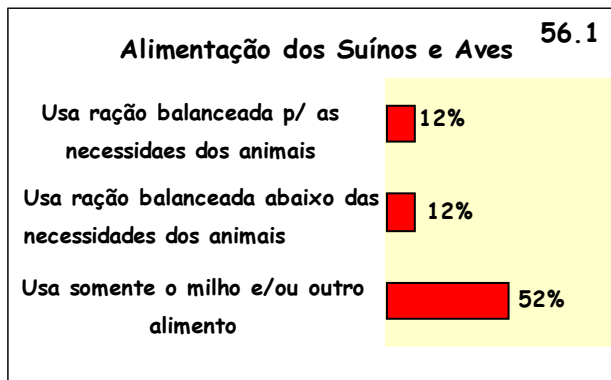
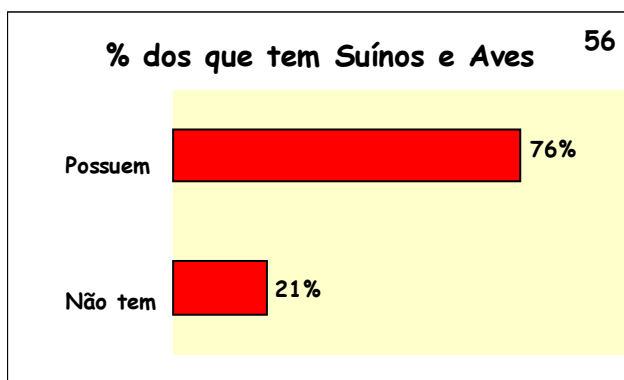
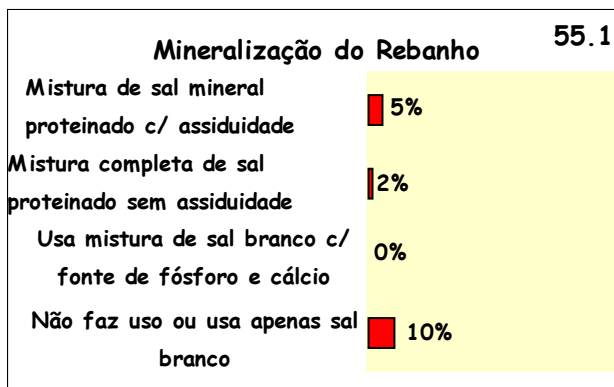
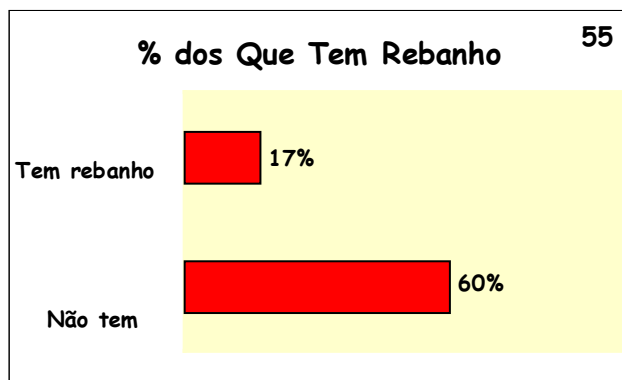
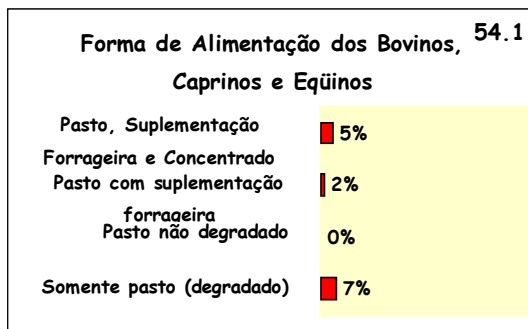
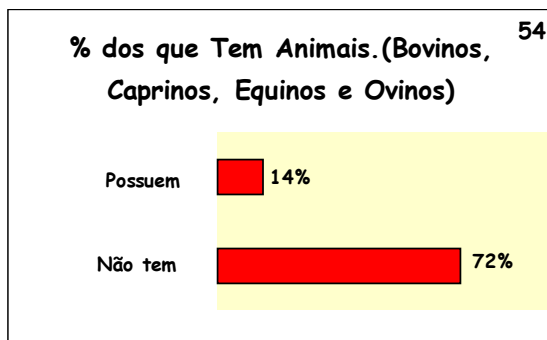
53



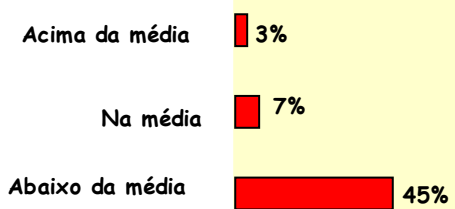
b. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA PRODUÇÃO ANIMAL



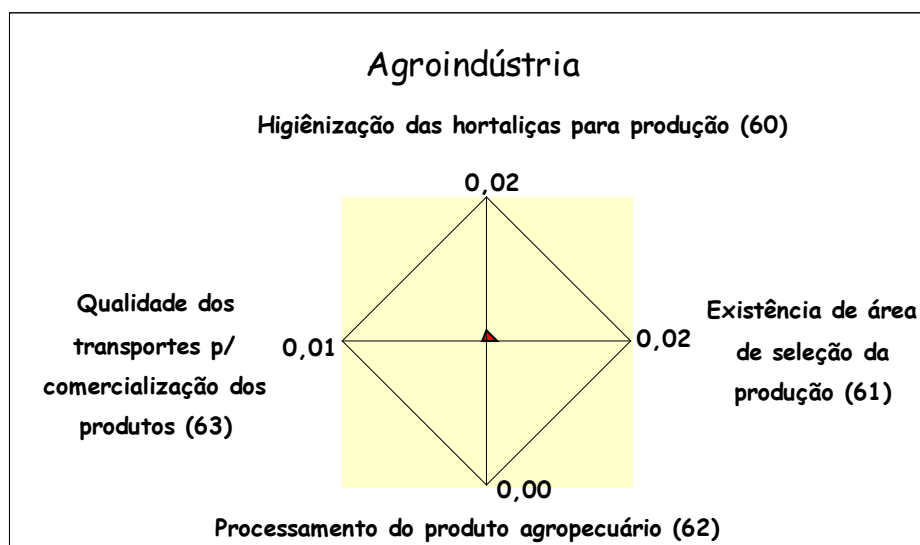
| | | |
|----|---|--|
| 54 | QUAL A FORMA DE ALIMENTAÇÃO DO BOVINOS, CAPRINOS, OVINOS, EQUINOS? | NÃO TEM NENHUM DESTES ANIMAIS |
| | | SOMENTE A PASTO COM PASTAGEM DEGRADADA |
| | | SOMENTE A PASTO COM PASTAGEM NÃO DEGRADADA |
| | | A PASTO MAIS SUPLEMENTAÇÃO FORRAGEIRA |
| | | A PASTO MAIS SUPLEMENTAÇÃO FORRAGEIRA E USA CONCENTRADO |
| 55 | COMO É FEITA A MINERALIZAÇÃO DO REBANHO? | NÃO TEM ANIMAIS QUE NECESSITAM DE MINERALIZAÇÃO |
| | | NÃO FAZ OU SÓ UTILIZA SAL BRANCO |
| | | USA MISTURA DE SAL BRANCO COM FONTE DE FÓSFORO E DE CÁLCIO |
| | | USA MISTURA COMPLETA DE SAL MIBERAL/PROTEINADO SEM ASSIDUIDADE |
| | | USA MISTURA DE SAL MINERAL/PROTEINADO COM ASSIDUIDADE |
| 56 | COMO É FEITA A ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS E AVES? | NÃO TEM ESTES ANIMAIS |
| | | USA SOMENTE MILHO E/OU OUTRO ALIMENTO ENERGÉTICO |
| | | USA RAÇÃO BALANCEADA ABAIXO DAS NECESSIDADE DOS ANIMAIS |
| | | USA RAÇÃO BALANCEADA PARA AS NECESSIDADES DOS ANIMAIS |
| 57 | QUAL A ORIGEM DOS REPRODUTORES? | USA REPRODUTORES E MATRIZES DE SELEÇÃO DO PRÓPRIO REBANHO |
| | | USA REPRODUTORES E/OU MATRIZES ADQUIRIDOS SEM REGISTRO |
| | | USA REPRODUTORES/MATRIZES ADQUIRIDOS COM REGISTRO |
| 58 | QUAIS SÃO AS PRÁTICAS QUE UTILIZA PARA EVITAR DOENÇAS? | NÃO UTILIZA PRÁTICA SANITÁRIA DE CONTROLE PREVENTIVO |
| | | USA SOMENTE VACINAS OBRIGATÓRIAS E YERMIFUGAÇÕES ESPORÁDICAS |
| | | SEGUE EM PARTE O CALENDÁRIO PROFILÁTICO MAIS AS VACINAS OBRIGATÓRIAS |
| | | SEGUE CORRETAMENTE O CALENDÁRIO PROFILÁTICO |
| 59 | QUAL A PRODUTIVIDADE DA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA COM MAIOR IMPORTÂNCIA ECONÔMICA? (VER TABELA DO IPA ANIMAL DA UL) | NÃO TEM EXPLORAÇÃO |
| | | ABAIXO DA MÉDIA |
| | | MÉDIA |
| | | ACIMA DA MÉDIA |



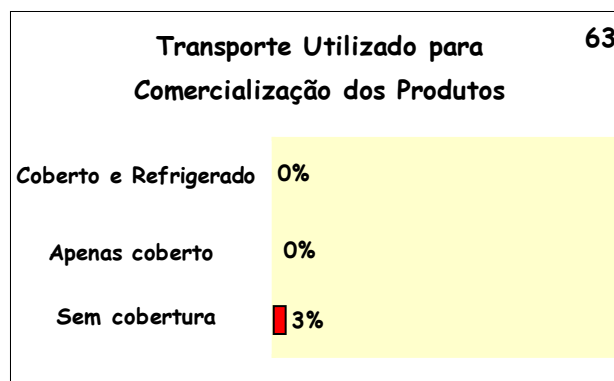
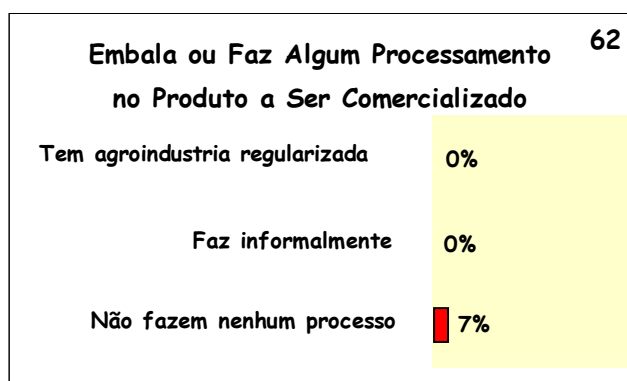
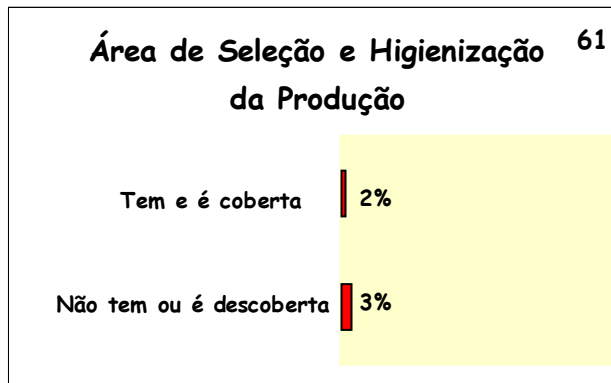
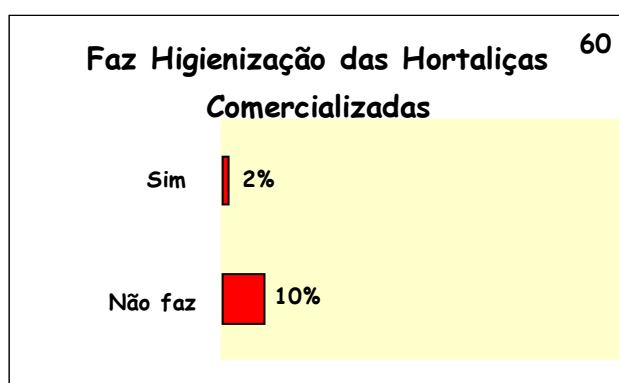
Produtividade da Exploração 59
Pecuária com Maior Importância



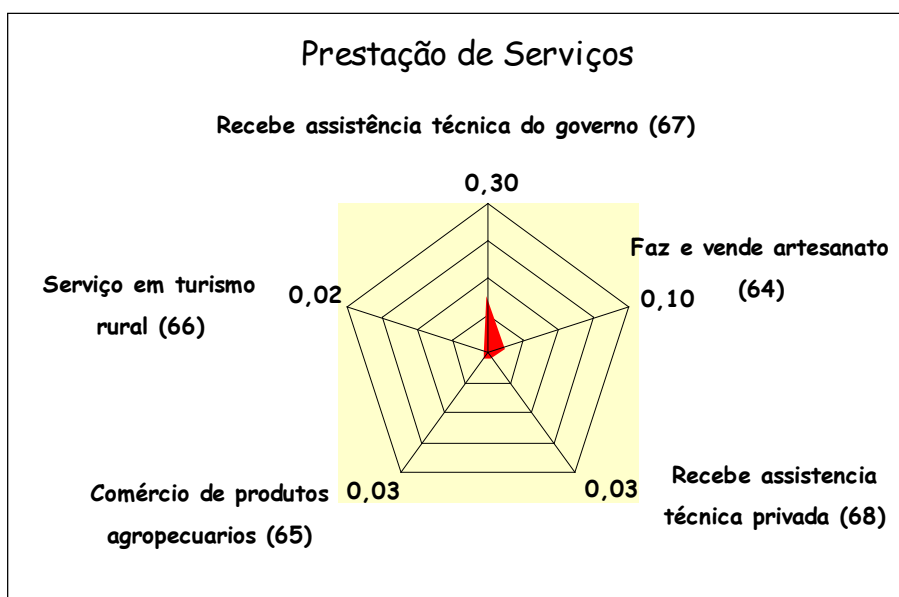
c. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA NA AGROINDÚSTRIA



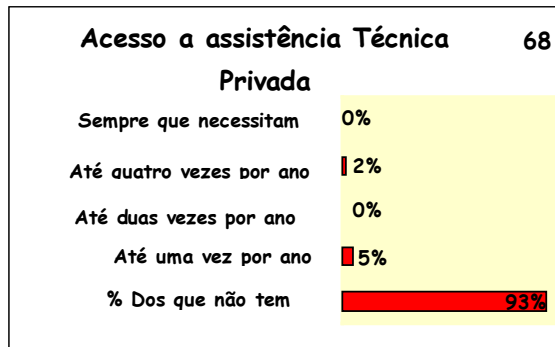
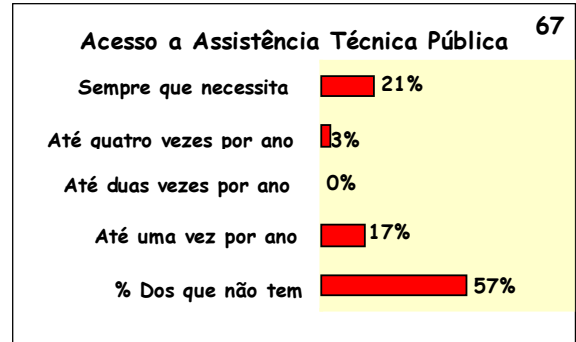
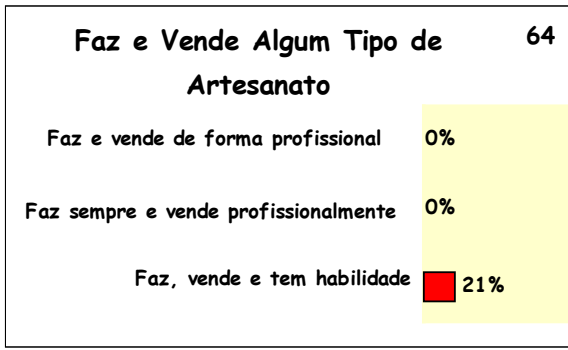
| | | |
|----|--|--------------------------------|
| 60 | PARA COMERCIALIZAR AS HORTALIÇAS É FEITA HIGIENIZAÇÃO E/OU SANITIZAÇÃO? | NÃO |
| | | FAZ |
| 61 | EXISTE ÁREA DE SELEÇÃO E HIGIENIZAÇÃO DA PRODUÇÃO? | NÃO OU DESCOBERTO |
| | | SIM COBERTO |
| 62 | EMBALA OU FAZ ALGUM PROCESSAMENTO DE PRODUTO AGROPECUÁRIO PARA VENDER? | NÃO FAZ |
| | | FAZ INFORMALMENTE |
| | | TEM AGROINDÚSTRIA REGULARIZADA |
| 63 | QUAL O TRANSPORTE UTILIZADO PARA COMERCIALIZAR OS PRODUTOS AGROINDUSTRIALIZADOS? | SEM COBERTURA |
| | | SOMENTE COBERTO |
| | | COBERTO E REFRIGERADO |



d. PRESTAÇÃO E ACESSO A SERVIÇOS

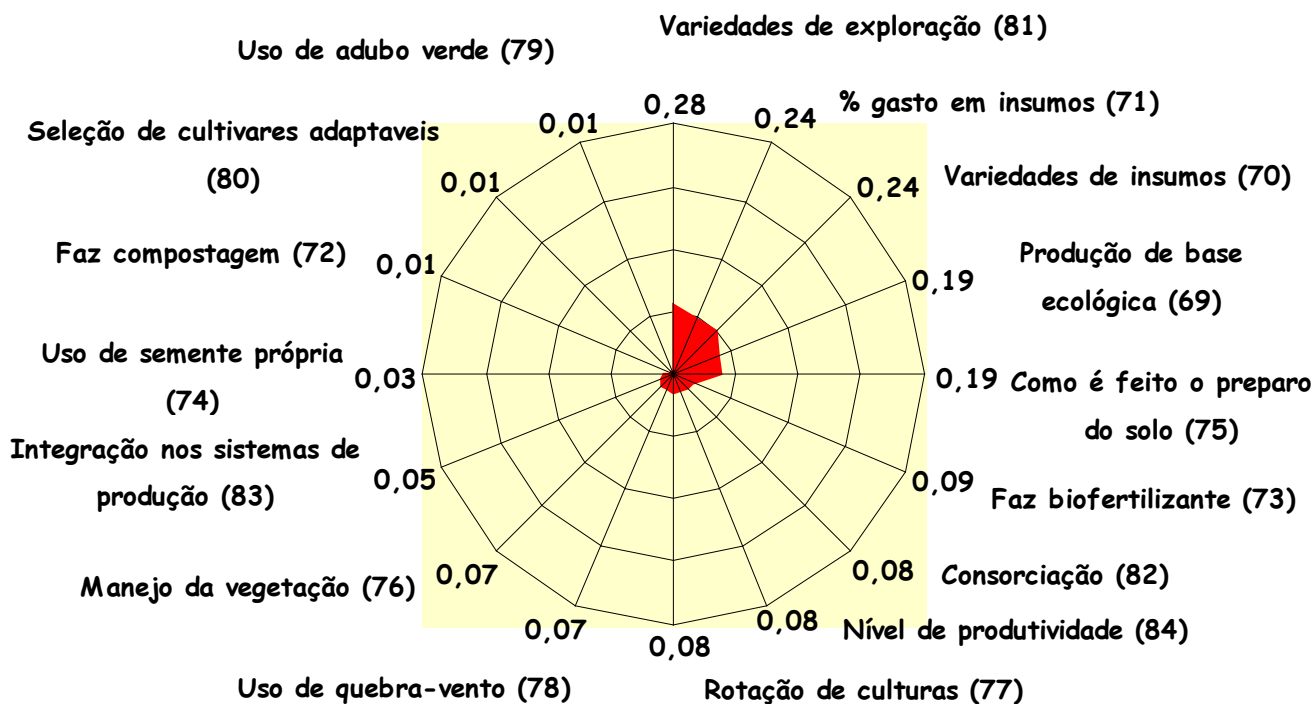


| | | | |
|----|---|--|--|
| 64 | FAZ E VENDE ALGUM TIPO DE ARTESANATO? | NÃO FAZ E NÃO TEM HABILIDADE | |
| | | FAZ / VENDE ESPORADICAMENTE E TEM HABILIDADE | |
| | | FAZ / VENDE ESPORADICAMENTE DE FORMA PROFISSIONAL | |
| | | FAZ / VENDE SEMPRE PROFISSIONALMENTE | |
| 65 | QUANTO A INFORMAÇÃO PARA COMERCIALIZAR OS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS PRODUZIDOS NA PROPRIEDADE? | COMERCIALIZA POUCA A SUA PRODUÇÃO | |
| | | NÃO TEM ACESSO A INFORMAÇÃO DOS PREÇOS E CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO | |
| | | TEM ACESSO A INFORMAÇÃO DOS PREÇOS E CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO PRATICADOS NA REGIÃO PRATICADOS NA REGIÃO SEM UM PROJETO ESPECÍFICO DE COMERCIALIZAÇÃO | |
| | | UTILIZA-SE DE DIVERSAS FONTES DE INFORMAÇÃO PARA ELABORAR O SEU PROJETO DE PRODUÇÃO COM ENFOQUE NA COMERCIALIZAÇÃO | |
| 66 | FAZ ALGUM TIPO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EM TURISMO RURAL? | NÃO FAZ NENHUMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS NESTE RAMO | |
| | | FAZ ESPORADICAMENTE DE FORMA AMADORA | |
| | | FAZ ESPORADICAMENTE DE FORMA PROFISSIONAL | |
| | | FAZ SEMPRE PROFISSIONALMENTE | |
| 67 | TEM ACESSO A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PÚBLICA OFERTADA PELO GOVERNO TAL COMO EMATER, UNIVERSIDADE PÚBLICAS, EMBRAPA E OUTRAS? | NÃO TEM | |
| | | ATÉ UMA VEZ POR ANO | |
| | | ATÉS DUAS VEZES POR ANO | |
| | | ATÉ QUATRO VEZES POR ANO | |
| 68 | TEM ACESSO A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRIVADA OFERECIDA PELOS VENDEDORES DE INSUMO, PROFISSIONAIS, SEBRAE, COOPERATIVAS, ASSOCIAÇÕES, INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA? | NÃO TEM | |
| | | ATÉ UMA VEZ POR ANO | |
| | | ATÉ DUAS VEZES POR ANO | |
| | | ATÉ QUATRO VEZES POR ANO | |
| | | SEMPRE QUE NECESSITA | |

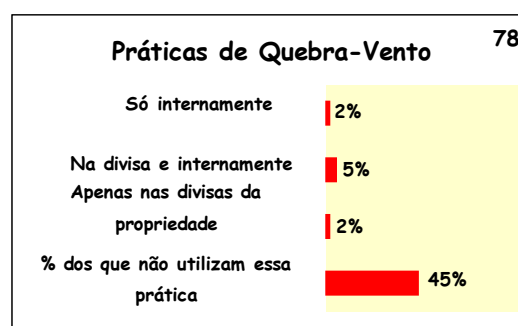
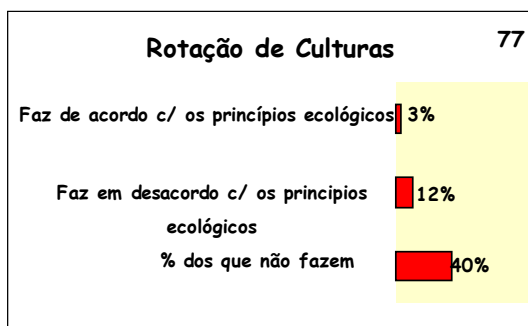
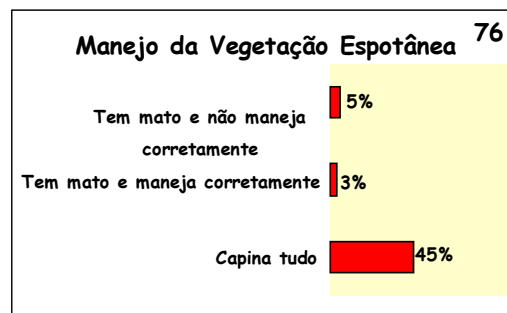
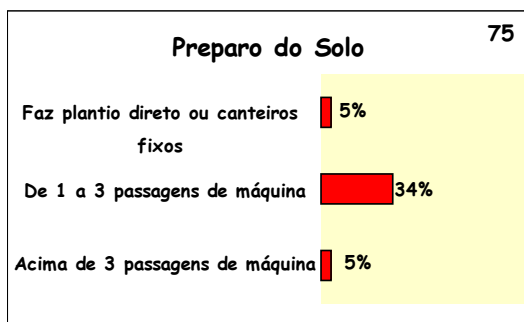
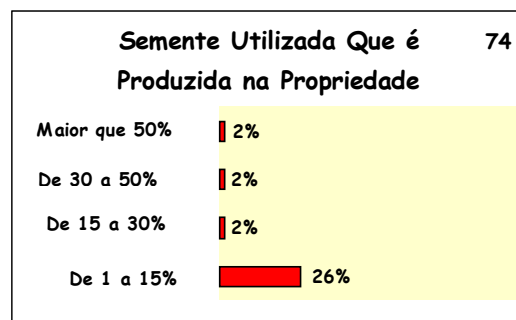
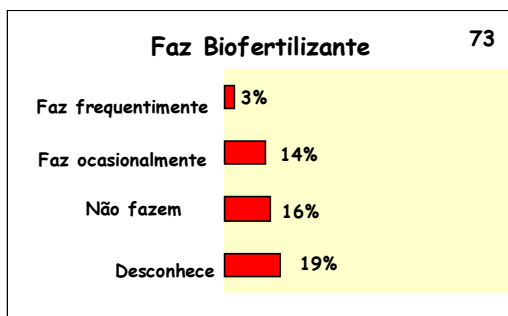
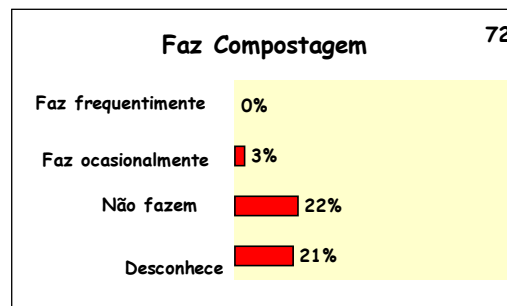
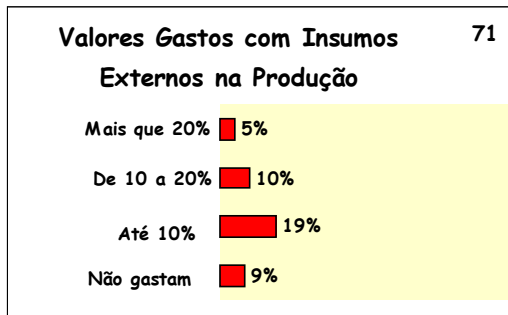
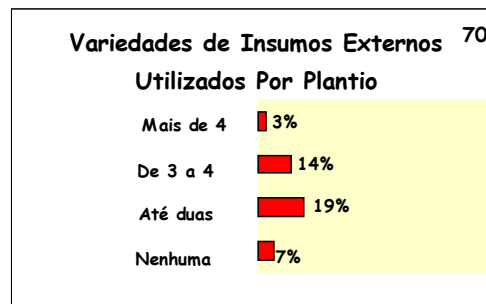
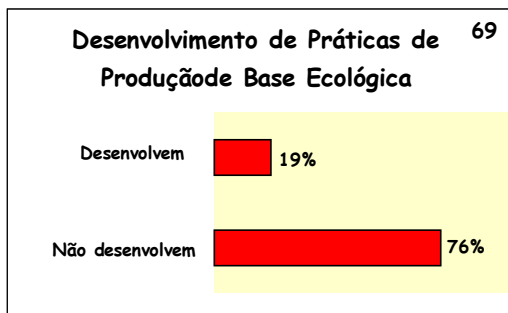


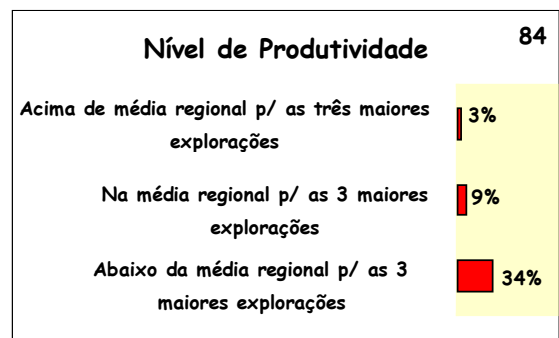
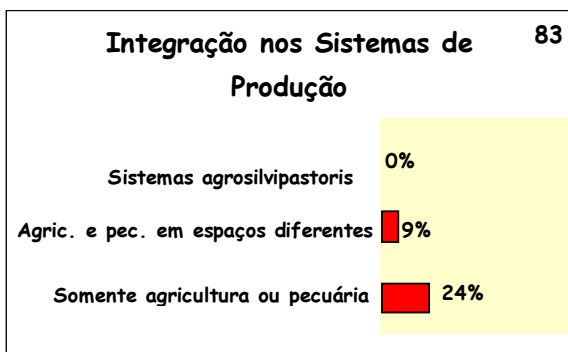
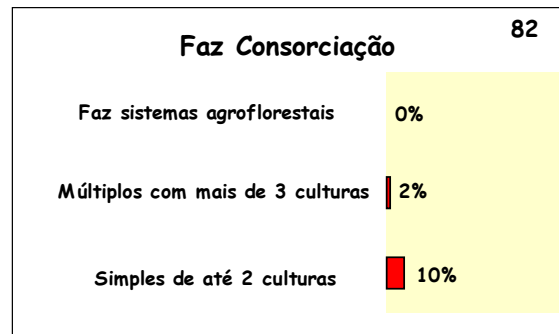
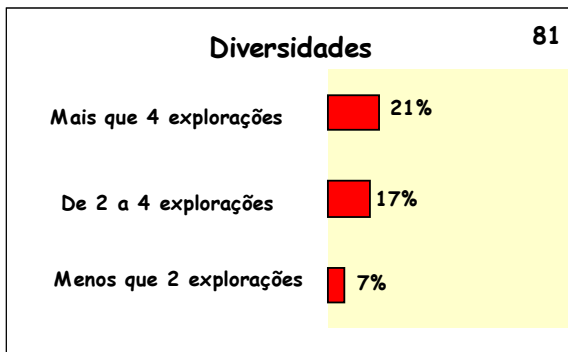
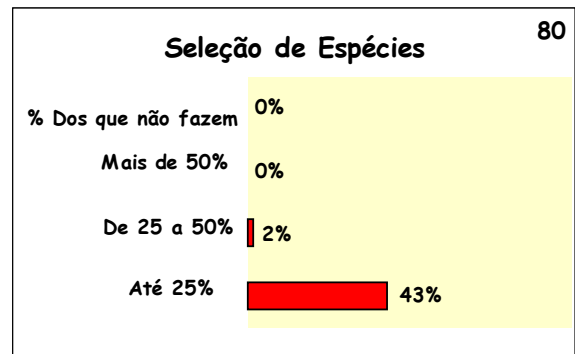
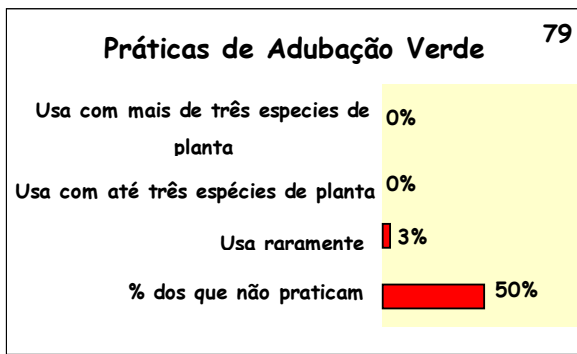
vi. AGROECOLOGIA

Agroecologia

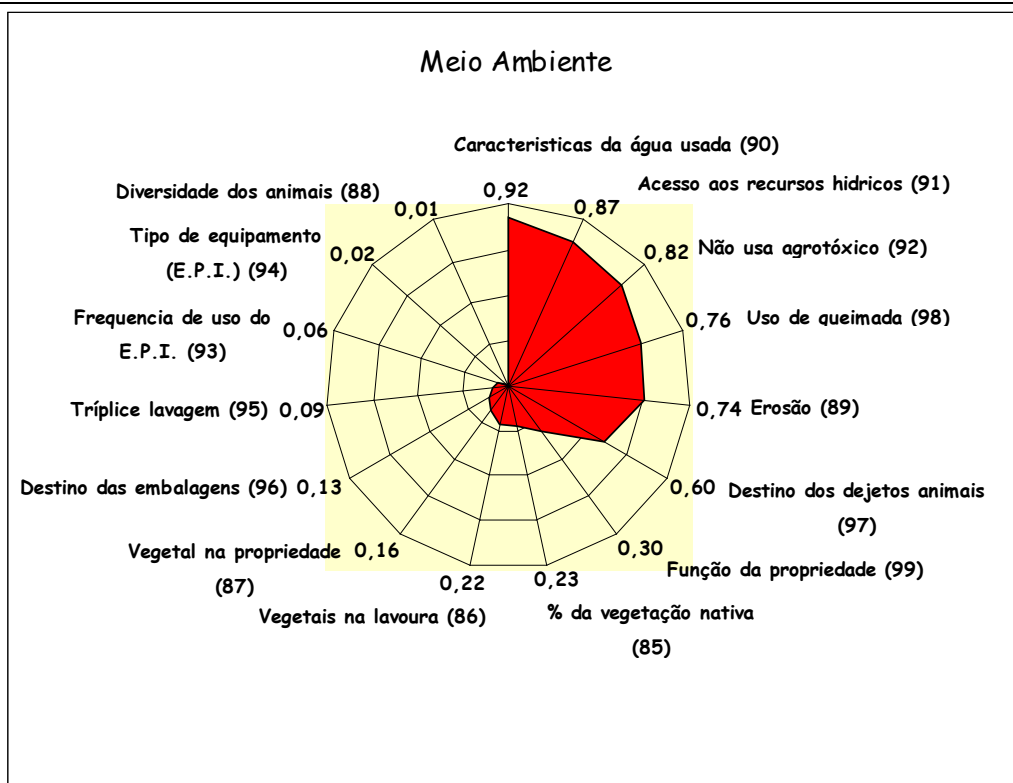


| | | | |
|----|---|--|--|
| 69 | DESENVOLVE ALGUMAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA? NÃO NECESSITA SER AGRICULTOR ORGÂNICO | NÃO (ir para pergunta de número 88) | |
| | | SIM (segue abaixo as demais perguntas sobre agroecologia) | |
| 70 | ATÉ QUANTAS VARIEDADES DE INSUMOS EXTERNOS (fertilizantes, defensivos) SÃO UTILIZADAS POR PLANTIO? | NENHUMA | |
| | | ATÉ 2 | |
| | | DE 3 A 4 | |
| | | MAIS DE 4 SALÁRIOS MÍNIMOS | |
| 71 | QUAL A PERCENTAGEM EM VALORES (ESTIMADA) QUE É GASTO DE INSUMOS EXTERNOS NA PRODUÇÃO? | NENHUMA | |
| | | ATÉ 10 % | |
| | | DE 10 A 20% | |
| | | MAIS QUE 20 % | |
| 72 | FAZ COMPOSTAGEM? | DESCONHEÇO | |
| | | NÃO FAZ | |
| | | FAZ OCASIONALMENTE | |
| | | FAZ FREQUENTEMENTE | |
| 73 | FAZ BIOFERTILIZANTE? | DESCONHEÇO | |
| | | NÃO FAZ | |
| | | FAZ OCASIONALMENTE | |
| | | FAZ FREQUENTEMENTE | |
| 74 | QUAL O PERCENTUAL DE SEMENTE UTILIZADA QUE É PRODUZIDA NA PROPRIEDADE? | DE 1 A 15 % | |
| | | DE 15 A 30 % | |
| | | DE 30 A 50% | |
| | | MAIOR QUE 50% | |
| 75 | COMO É FEITO O PREPARO DO SOLO? | ACIMA DE 3 PASSAGENS DE MÁQUINAS | |
| | | USA MÁQUINAS AGRÍCOLAS PARA PREPARO DO SOLO DE 1 A 3 VEZES | |
| | | UTILIZA A PRÁTICA DE CULTIVO MÍNIMO, PLANTIO DIRETO OU CANTEIROS FIXOS | |
| 76 | COMO É FEITO O MANEJO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA? | CAPINA TUDO | |
| | | TEM MATO, MAS NÃO MANEJA CORRETAMENTE | |
| | | TEM MATO E MANEJA CORRETAMENTE COM A CULTURA | |
| 77 | COMO É FEITA A ROTAÇÃO DE CULTURAS? | NÃO FAZ | |
| | | FAZ EM DESACORDO COM OS PRINCÍPIOS ECOLÓGICOS | |
| | | FAZ DE ACORDO COM OS PRINCÍPIOS ECOLÓGICOS | |
| 78 | UTILIZA A PRÁTICA DE QUEBRA-VENTO? | NÃO TEM | |
| | | SOMENTE NAS DIVISAS DA PROPRIEDADE | |
| | | SÓ INTERNAMENTE | |
| 79 | UTILIZA A PRÁTICA DE ADUBAÇÃO VERDE? | NÃO USA | |
| | | USA RARAMENTE | |
| | | USA FREQUENTEMENTE ATÉ 3 ESPÉCIES DE PLANTAS | |
| | | USA FREQUENTEMENTE COM MAIS DE 3 PLANTAS DIFERENTES | |
| 80 | FAZ SELEÇÃO PARA RESISTÊNCIA, PRODUTIVIDADE E ADAPTAÇÃO AO SISTEMA DE BASE ECOLÓGICA DE PLANTAS E/OU ANIMAIS? | NÃO FAZ | |
| | | ATÉ 25% DAS ESPÉCIES | |
| | | DE 25 A 50 % DAS ESPÉCIES | |
| | | MAIS DE 50% DAS ESPÉCIES | |
| 81 | QUANTAS A DIVERSIDADE, QUANTAS VARIEDADES DE EXPLORAÇÕES EXISTEM NO SISTEMA DE PRODUÇÃO? | MENOS QUE DUAS | |
| | | DE 2 A 4 EXPLORAÇÕES | |
| | | MAIOR QUE 4 EXPLORAÇÕES | |
| 82 | FAZ CONSORCIAÇÃO? | NÃO FAZ | |
| | | FAZ CONSÓRCIO SIMPLES DE ATÉ 2 CULTURAS | |
| | | FAZ CONSÓRCIO MÚLTIPLOS COM MAIS DE 3 CULTURAS | |
| | | FAZ SISTEMAS AGROFLORESTAIS | |
| 83 | FAZ INTEGRAÇÃO NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO? | SOMENTE AGRICULTURA OU SOMENTE PECUÁRIA | |
| | | INTEGRA AGRICULTURA E PECUÁRIA EM ESPAÇOS DIFERENTES | |
| | | POSSUI SISTEMAS AGROSILVIPASTORIS | |
| 84 | QUAL O NÍVEL DA PRODUTIVIDADES PARA A PRINCIPAL ATIVIDADE ECONÔMICA DESTA UNIDADE PRODUTIVA? (ver tabela IPA Orgânicos da UL) | ABAIXO DA MÉDIA REGIONAL PARA AS 3 MAIORES EXPLORAÇÕES | |
| | | NA MÉDIA REGIONAL PARA AS 3 MAIORES EXPLORAÇÕES | |
| | | ACIMA DA MÉDIA REGIONAL PARA AS 3 MAIORES EXPLORAÇÕES | |



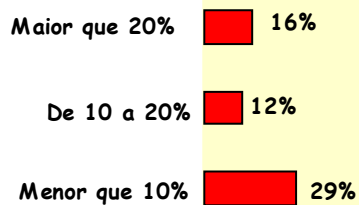


vii. MEIO AMBIENTE

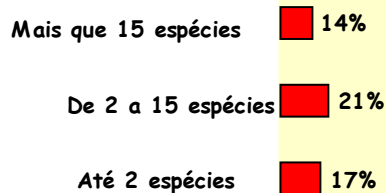


| | | | | |
|-----|--|--|---------|-----|
| 85 | A COBERTURA VEGETAL NATIVA OCUPA QUE PERCENTUAL DA PROPRIEDADE? | <10 | | 332 |
| | | 10 A 20% | | 333 |
| | | >=20% | | 334 |
| 86 | QUAL A DIVERSIDADE DE ESPÉCIES VEGETAIS NA ÁREA DA LAVOURA(cultivadas ou inços)? | ATÉ 2 ESPÉCIES | | 335 |
| | | 7 ESPÉCIES | | 336 |
| | | 15 ESPÉCIES | | 337 |
| 87 | QUAL A DIVERSIDADE DE ESPÉCIES VEGETAIS NA PROPRIEDADE? | ATÉ 10 ESPÉCIES | | 338 |
| | | 25 ESPÉCIES | | 339 |
| | | 50 ESPÉCIES | | 340 |
| 88 | QUAL A DIVERSIDADE DE ESPÉCIES ANIMAIS? | ATÉ 10 ESPÉCIES | | 341 |
| | | 25 ESPÉCIES | | 342 |
| | | 50 ESPÉCIES | | 343 |
| 89 | EXISTE ALGUMA EROSIÃO APARENTE? | NÃO EXISTE | | 344 |
| | | MODERAMENTE APARENTE | | 345 |
| | | SULCOS | | 346 |
| | | VOÇOROCA | | 347 |
| 90 | QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DOS RECURSOS HÍDRICOS DISPONÍVEIS NA PROPRIEDADE? | ODOR | RUIM | 348 |
| | | | REGULAR | 349 |
| | | | BOA | 350 |
| | | Sabor | RUIM | 351 |
| | | | REGULAR | 352 |
| | | BOA | 353 | |
| 91 | COMO SE DÁ ACESSO AOS RECURSOS HÍDRICOS? | COM EXTREMA DIFICULDADE DE ABASTECIMENTO | | 354 |
| | | INDEPENDENTE EM APENAS 6 MESES | | 355 |
| | | TOTALMENTE INDEPENDENTE, SEM ATENDER AS NECESSIDADES | | 356 |
| | | TOTALMENTE INDEPENDENTE, ATENDENDO AS NECESSIDADES | | 357 |
| 92 | UTILIZA AGROTÓXICO? | NÃO UTILIZA | | 358 |
| | | UTILIZA EM ATÉ 25% DA ÁREA DA PROPRIEDADE | | 359 |
| | | UTILIZA EM ATÉ 50% DA ÁREA | | 360 |
| | | UTILIZA EM ATÉ 75% DA ÁREA | | 361 |
| | | UTILIZA EM MAIS DE 75% DA ÁREA | | 362 |
| 93 | COM QUE FREQUENCIA UTILIZA O EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPI)? | NUNCA | | 363 |
| | | ÀS VEZES | | 364 |
| | | SEMPRE | | 365 |
| 94 | O EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL UTILIZADO É? | COMPLETO | | 366 |
| | | INCOMPLETO | | 367 |
| 95 | FAZ A TRÍPLICE LAVAGEM DAS EMBALAGENS DE AGROTÓXICOS? | NÃO | | 368 |
| | | SIM | | 369 |
| 96 | QUAL O DESTINO QUE É DADO AS EMBALAGENS DE AGROTÓXICOS? | INCERTO | | 370 |
| | | DEPÓSITO DE LIXO COMUNITÁRIO | | 371 |
| | | QUEIMA | | 372 |
| | | DEVOLUÇÃO NAS REVENDAS OU NAS CAMPANHAS | | 373 |
| 97 | O DESTINO DADO AOS DEJETOS DOS ANIMAIS ESTÁ ADEQUADO? | SIM | | 374 |
| | | NÃO | | 375 |
| 98 | UTILIZA O FOGO PARA LIPEZA DE ÁREA OU QUEIMA DE LIXO? | NÃO | | 376 |
| | | SIM | | 377 |
| 99 | FUNÇÃO DA PROPRIEDADE? | PRODUÇÃO | | 378 |
| | | MORADIA | | 379 |
| | | LAZER | | 380 |
| | | PRESERVAÇÃO AMBIENTAL | | 381 |
| | | PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS | | 382 |
| 100 | OS ÍNDICES DE FERTILIDADE DO SOLO ESTÃO IGUAIS OU MELHORES QUE OS INDICADOS NA PRÓXIMA COLUNA? | MATÉRIA ORGÂNICA (3,5%) | | 383 |
| | | FÓSFORO (50 Cmol/L) | | 384 |
| | | CTC (Ca + Mg + K = 75%) | | 385 |
| | | V% SATURAÇÃO DE BASE (V%50) | | 386 |
| | | RELAÇÃO (Ca-Mg - 3,5) | | 387 |
| | | PH (5,6) | | 388 |
| | | POTÁSSIO (100 Cmol/L) | | 389 |

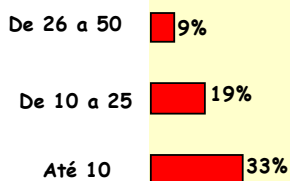
Cobertura Vegetal Nativa da Propriedade 85



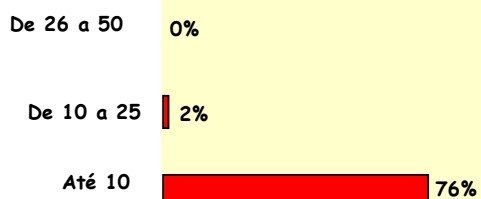
Diversidade de Espécies Vegetais na Lavoura 86



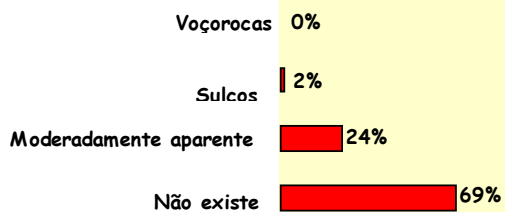
Diversidade de Espécies Vegetais na Propriedade 87



Diversidade de Espécies Animais 88



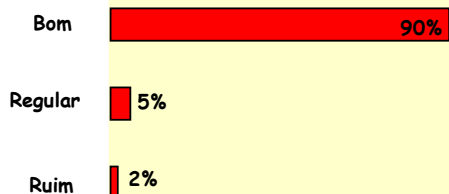
Existência de Erosões 89



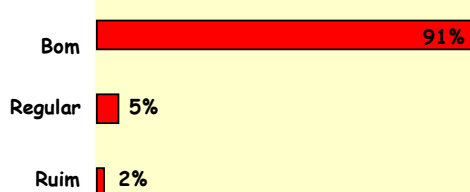
Características dos Recursos Hídricos 90



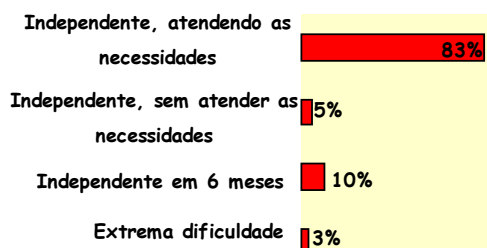
Sabor 90.1



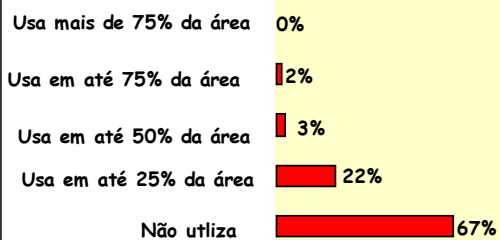
Odor 90.2

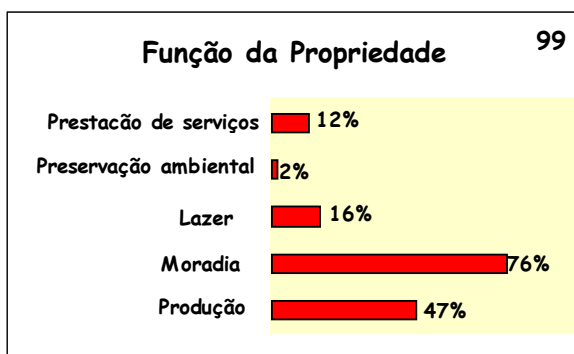
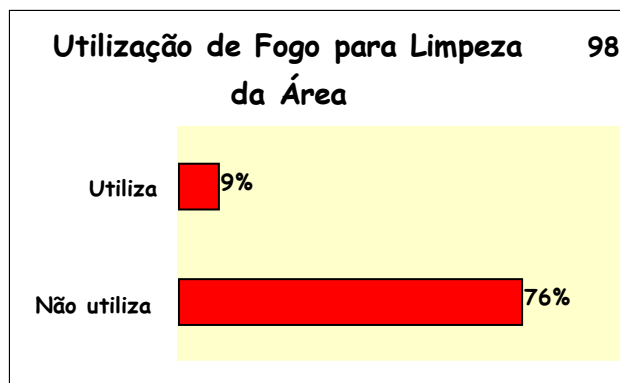
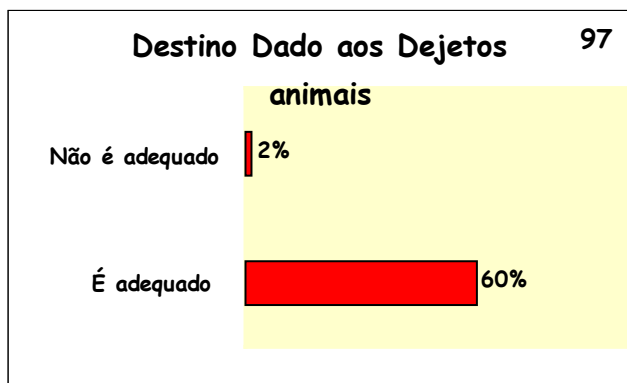
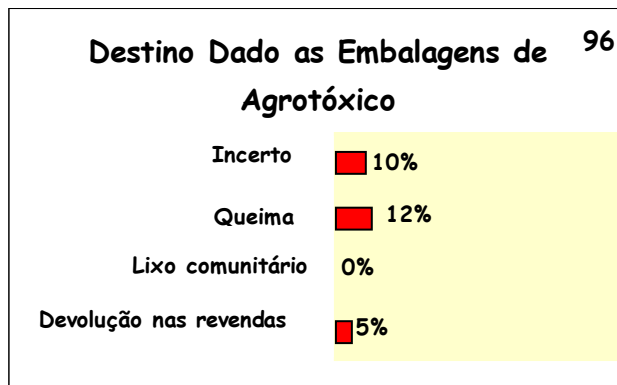
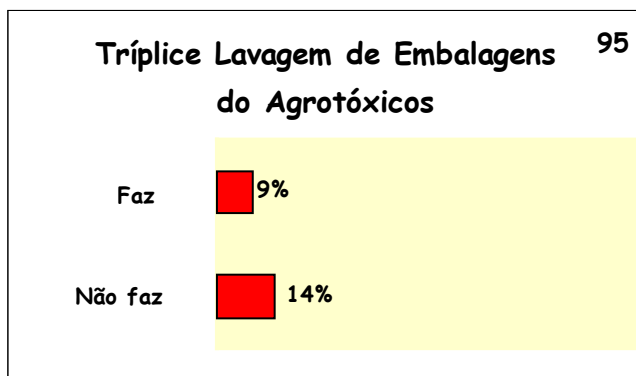
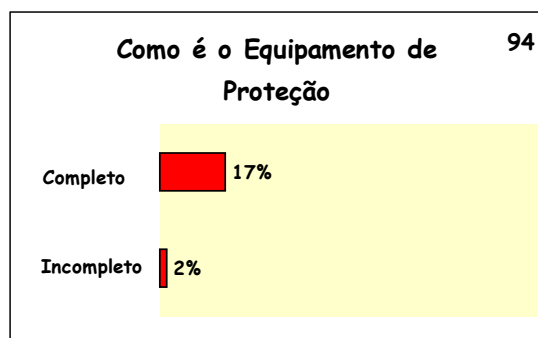
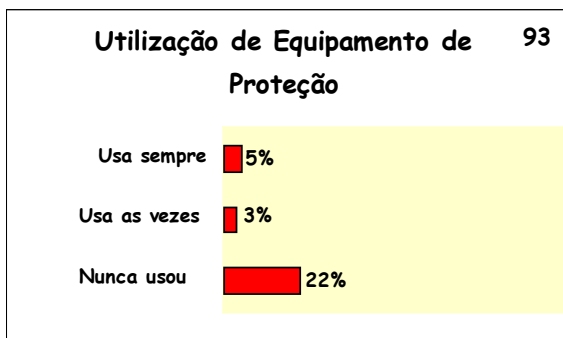


Acesso aos Recursos Hídricos 91



Utilização de Agrotóxico 92

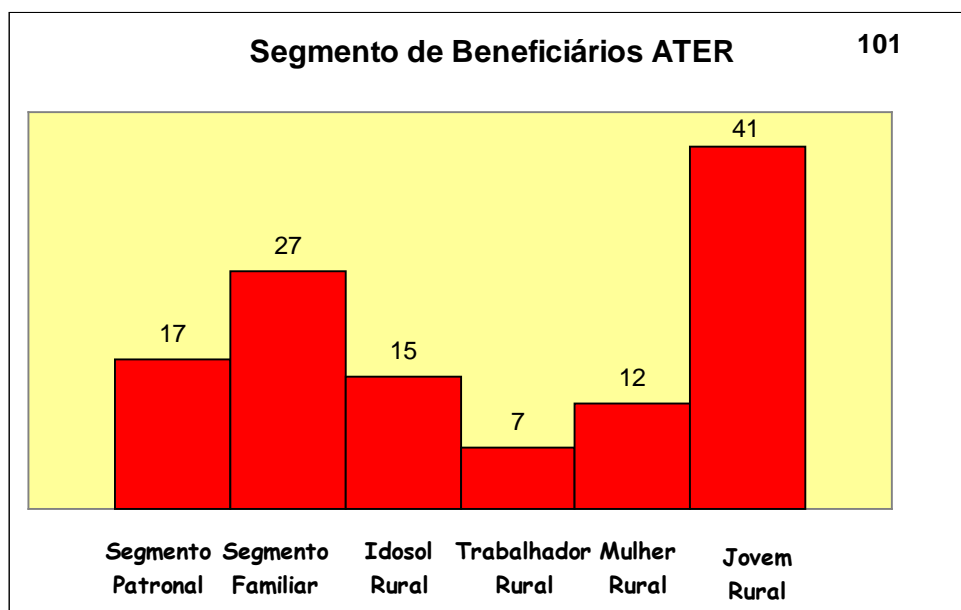




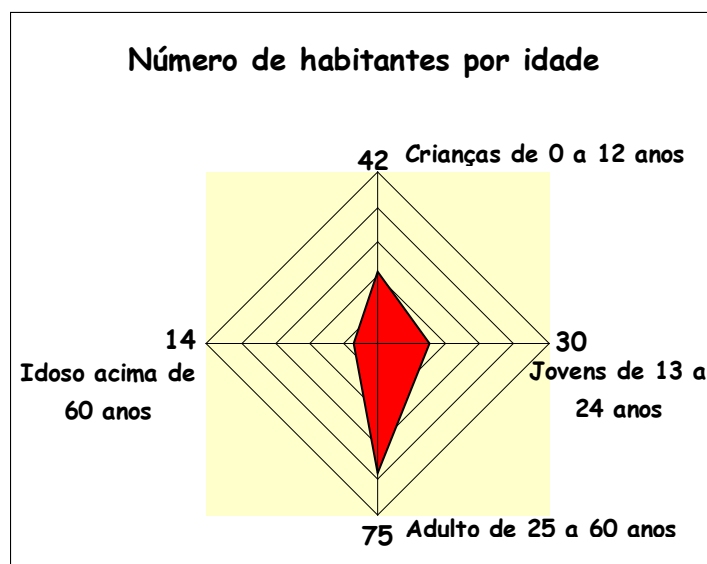
FERTILIDADE DO SOLO 100

| | |
|---------------|------|
| PH | 0,00 |
| Potássio | 0,00 |
| Sat. De Base | 0,00 |
| C. T. C. | 0,00 |
| Relação Ca-Mg | 0,00 |
| Fósforo | 0,00 |
| M. O | 0,00 |

Não foi realizada a análise de solo de cada propriedade.

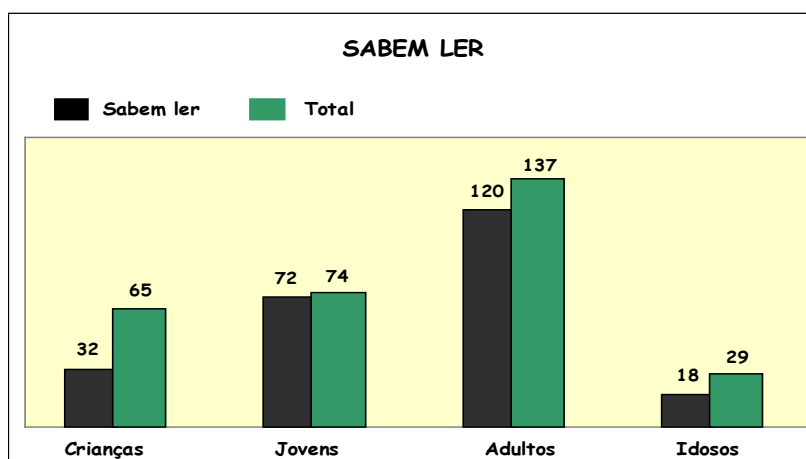


viii. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GERAÇÃO



ix. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE

a. ALFABETIZADOS



b. NÍVEL DE INCLUSÃO EDUCACIONAL POR GERAÇÃO

Siglas utilizadas:

Nº total = número total de pessoas nesta faixa etária

NFI = Nível fundamental incompleto

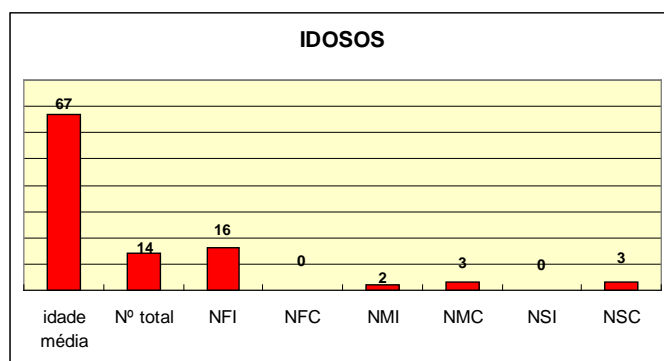
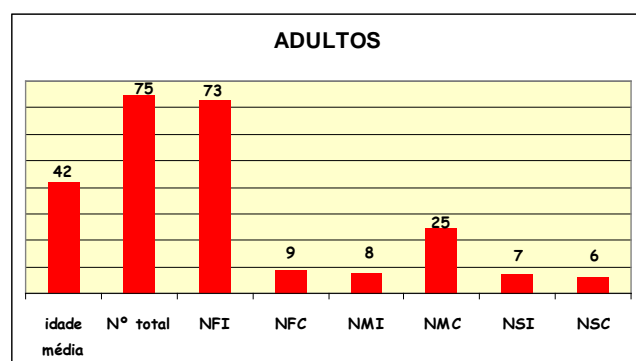
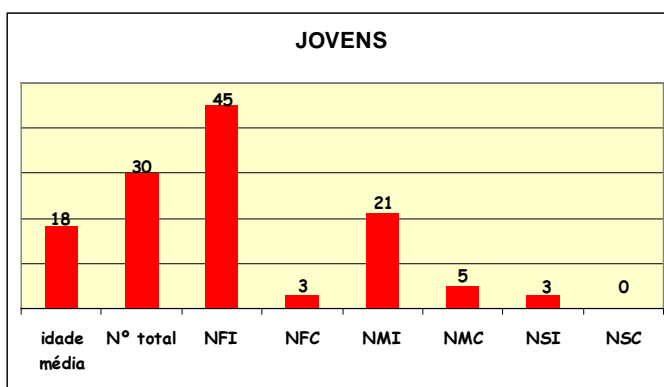
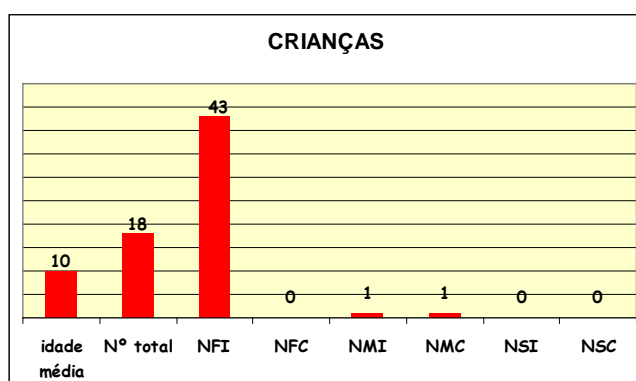
NFC = Nível fundamental completo

NMI = Nível médio incompleto

NMC= Nível médio completo

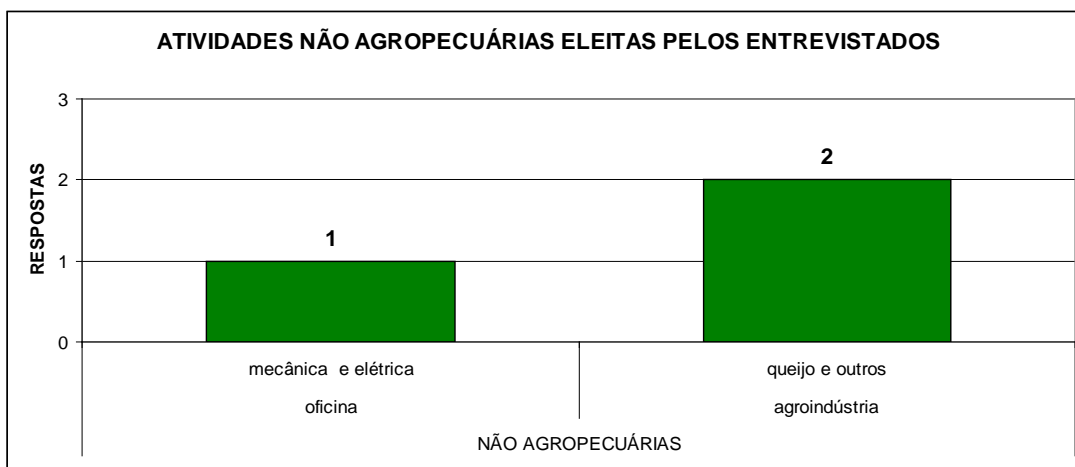
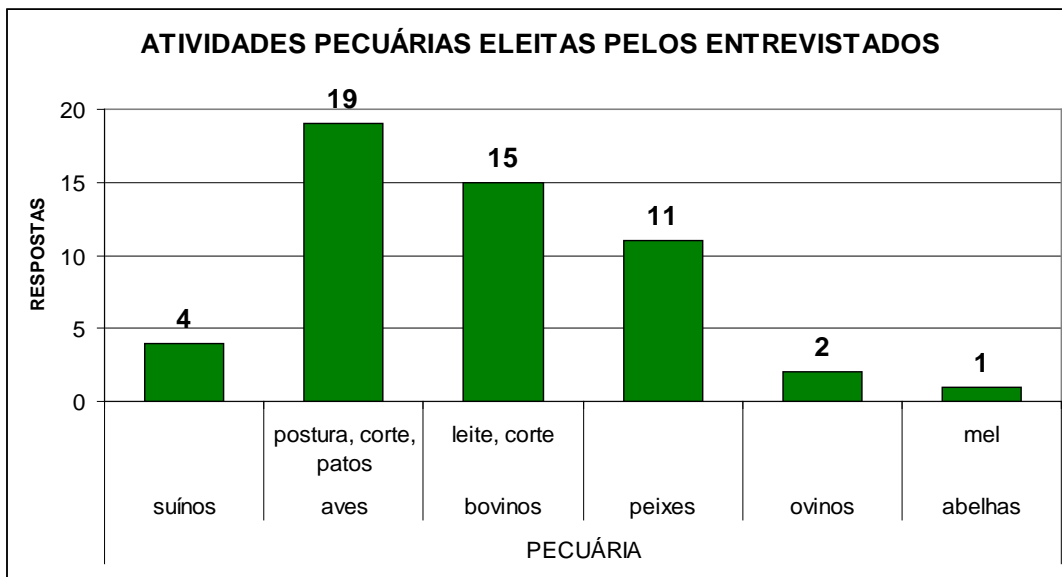
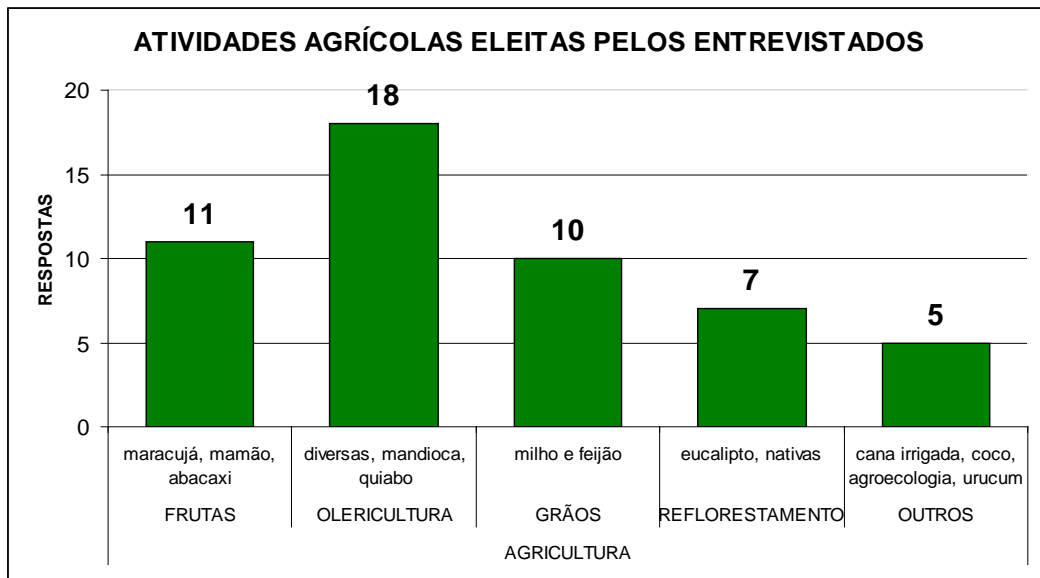
NSI = Nível superior incompleto

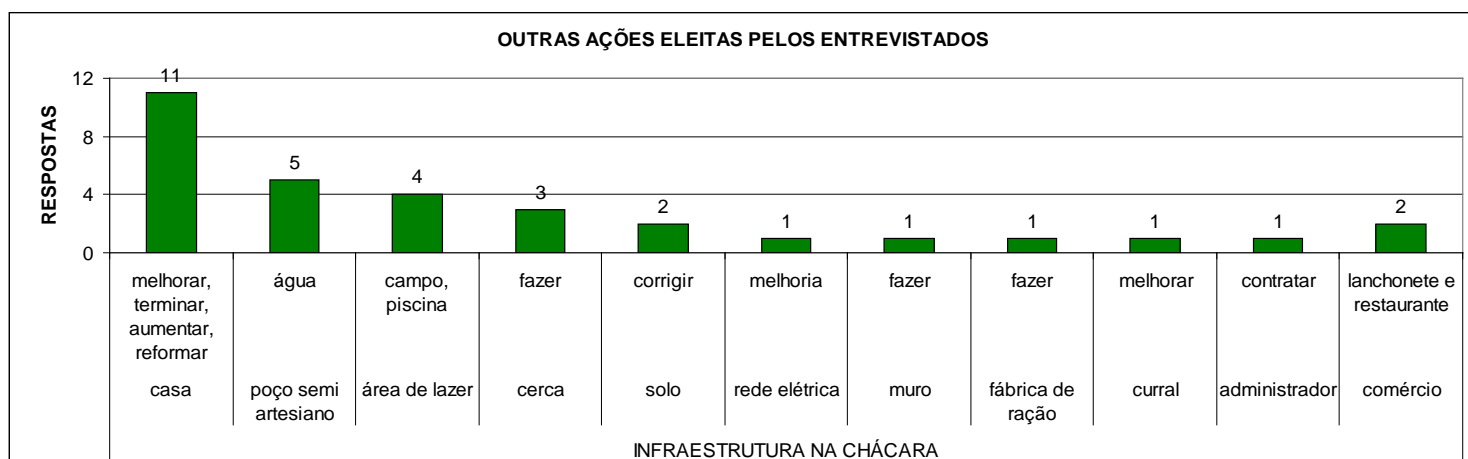
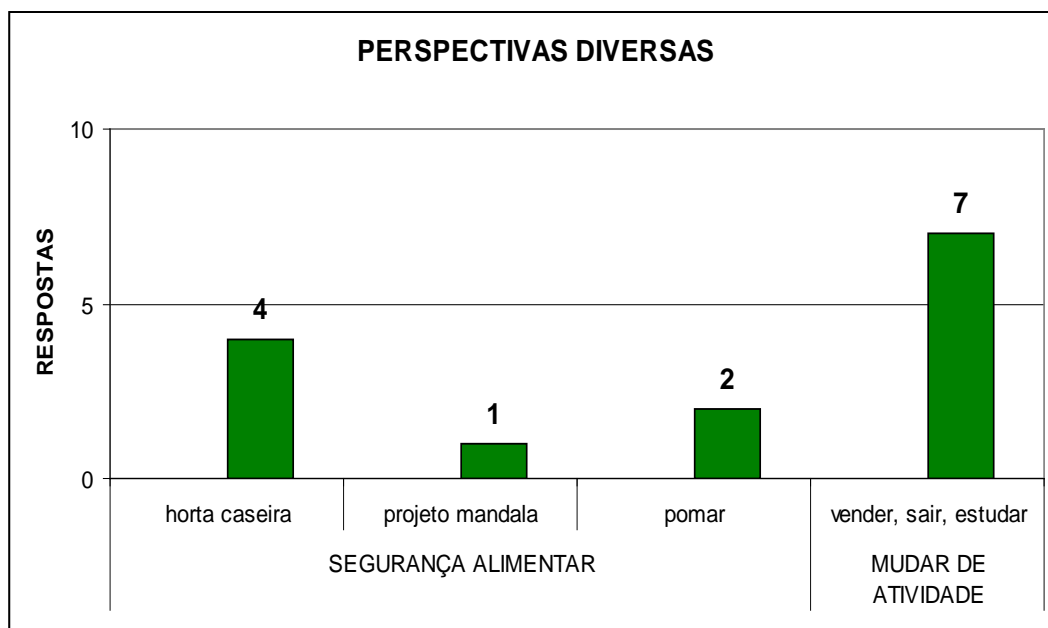
NSC = Nível superior completo



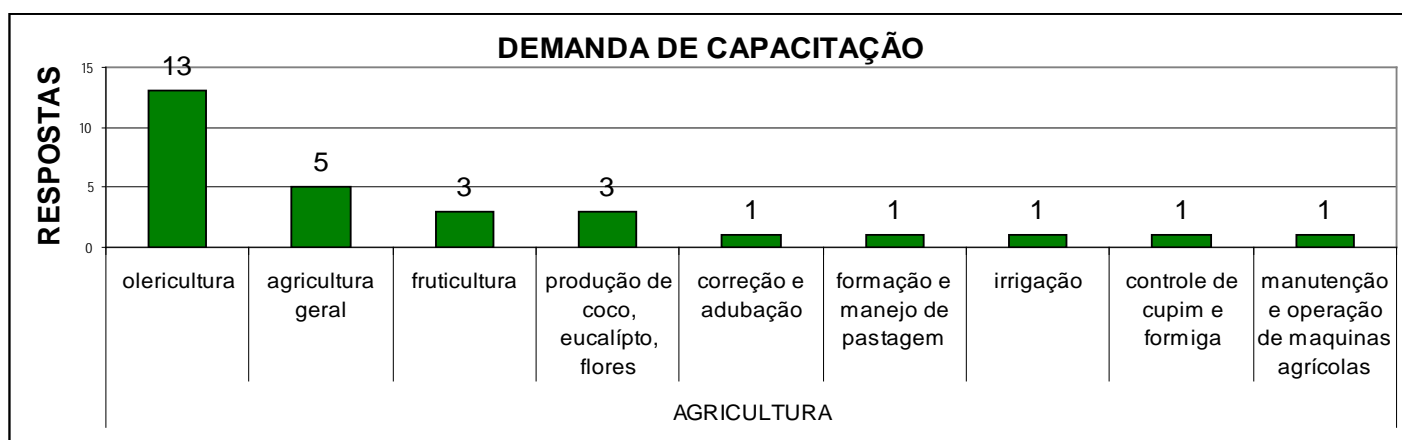
x. PERSPECTIVAS DOS ENTREVISTADOS

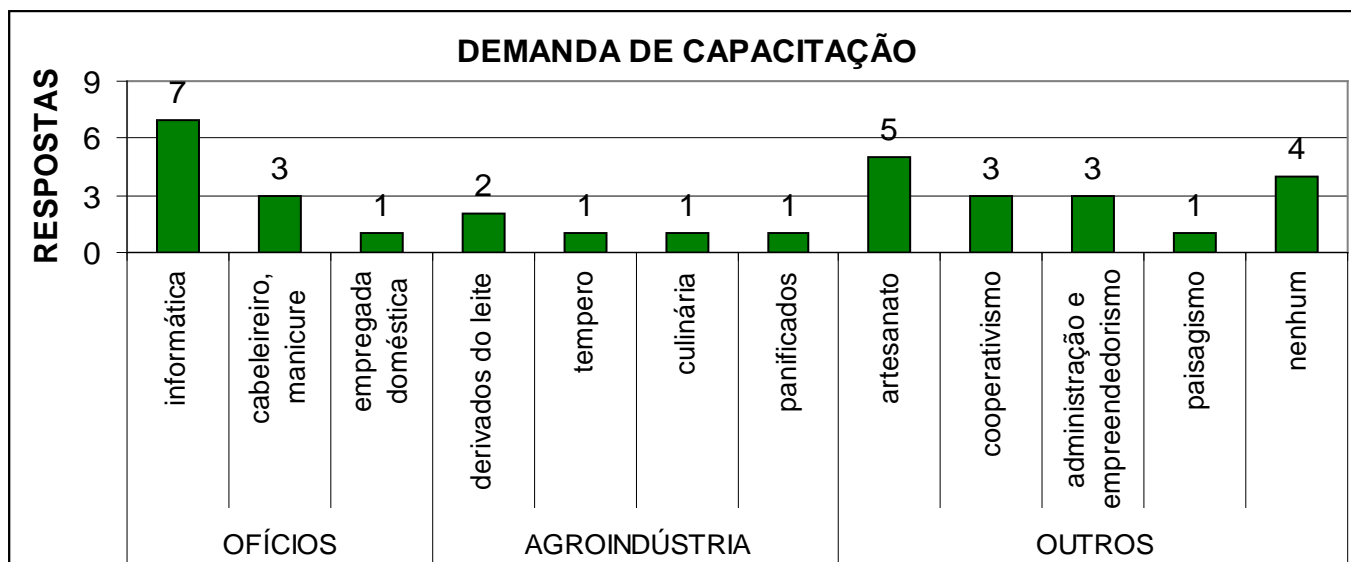
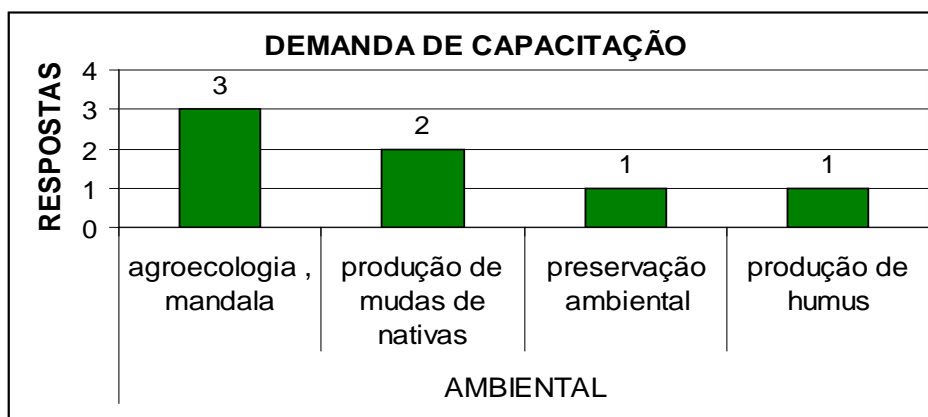
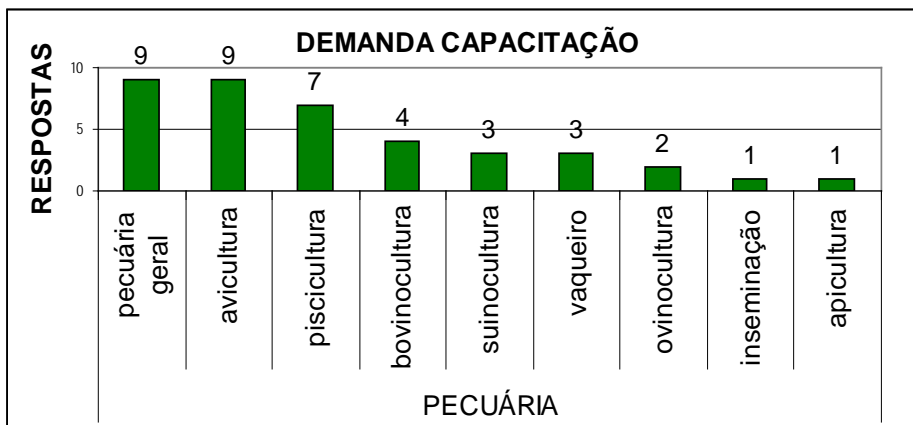
i) ATIVIDADES PRODUTIVAS

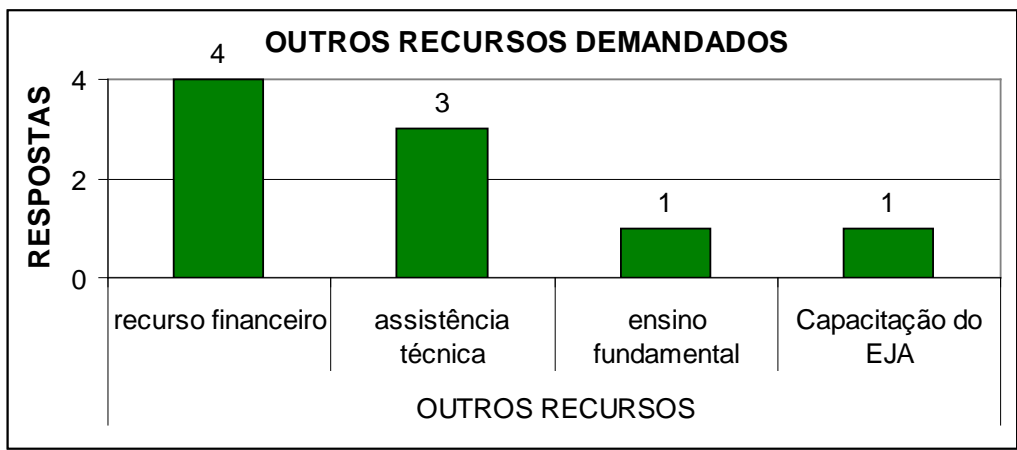




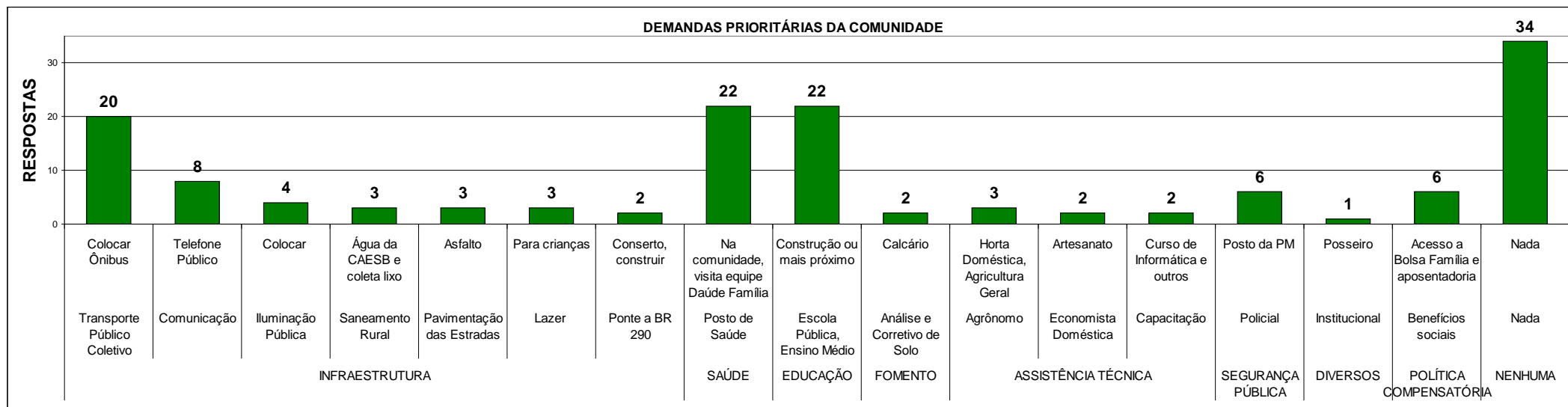
ii) CAPACITAÇÕES







i) DEMANDAS PRIORITÁRIAS



xi. ANEXOS

a. MAPA DA COMUNIDADE

Favor a equipe da UL colocar o mapa da comunidade indicando pelo menos as vias de acesso. Se tiver maiores dificuldades pode copiar do Google maps, demarcando em amarelo as suas fronteiras.

b. ENCADEAMENTO METODOLÓGICO PROPOSTO

“Não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros”.

Paulo Freire

ii) PRIMEIRO PASSO

| Item | Etapa | Metodologia ou Atividade | Realizado |
|------|-------------------------------------|--|-----------|
| 01 | Apresentação da proposta | Reunião de apresentação da proposta de encaminhamento metodológico, pelo agente de ATER, para intervenção na comunidade, às lideranças dos diversos segmentos de beneficiários para adesão de pelo menos mais de um desses segmentos. | |
| 02 | Validação pela comunidade | Reunião coordenada pelo agente e pelas lideranças da comunidade, para apresentar a proposta de intervenção na comunidade com as suas etapas (do IDCR até a elaboração e gestão das políticas). Este também é o momento de levantar o número de entrevistados e verificar se a comunidade deseja contribuir com alguma sugestão, ou se tem interesse em adicionar algum tema ou indicador específico não contemplado. | |
| 03 | Parceria com o laboratório de solos | Formalização de um Instrumento de Ajuste, coordenado pelo agente de ATER e de lideranças, a fim de realizar as análises das unidades produtivas que irão participar do projeto IDCR. | |
| 04 | Construção da proposta | Oficina coordenada pelo agente para construir a estratégia de ação, especificando em cada etapa a metodologia que será utilizada em todo o processo do Projeto de IDCR com ênfase na gestão social. | |
| 05 | Construção da planilha | Com a estratégia de ação elaborada o agente e as lideranças montam uma planilha de custo para a implementação do Projeto IDCR | |
| 06 | Locação de recursos | De posse da planilha e do orçamento (pessoal, material e equipamentos), o agente e as lideranças, encaminham a proposta para o patrocinador, e solicita a aprovação e a liberação dos recursos. | |
| 07 | Retorno à comunidade | É apresentada à comunidade a aprovação ou não da proposta. Caso não seja aprovada, se busca outro patrocinador. Caso seja aprovada, será verificada na comunidade a possibilidade de seus moradores, que representam os diversos segmentos, participarem do curso de capacitação de agentes de desenvolvimento e realizar a aplicação das entrevistas. | |

iii) SEGUNDO PASSO

| | | | |
|----|--------------------------------------|--|--|
| 08 | Seleção dos agentes | Se for o caso, será realizada oficina para selecionar os agentes comunitários que irão participar do curso de aperfeiçoamento | |
| 09 | Comitê Gestor | O agente de ATER solicita às lideranças da comunidade para montar um Comitê Gestor (de 3 a 6 membros) do IDCR, com membros de cada segmento de beneficiários (jovem, mulher, trabalhador, idoso, empreendedor familiar e empreendedor patronal). Uma vez instituído o Comitê, este selecionará os agentes comunitários que irão aplicar o questionário, se for o caso. | |
| 10 | Liberação dos recursos | Realizar o acompanhamento da liberação dos recursos, pelo agente de ATER e pelo Comitê Gestor. | |
| 11 | Capacitação dos agentes comunitários | Curso para os agentes comunitários, com enfoque nas variáveis que atuam no desenvolvimento do espaço rural, para dotá-los de maior empoderamento e capacitá-los para aplicação do IDCR, utilizando-se de exercícios práticos de entrevistas e do resgate histórico da comunidade. | |
| 12 | Aplicação das entrevistas | Trabalho de campo dos agentes comunitários para preenchimento do questionário com a supervisão do agente de ATER e do Comitê. | |
| 13 | Validação | Sorteio de 5% das Unidades Produtivas, para os membros do Comitê validar a aplicação dos questionários. | |
| 14 | Compilação dos dados | Os dados de todos os questionários serão digitados em planilhas do IDCR, pelo responsável da atividade, com acompanhamento do agente de ATER. | |
| 15 | Processamento dos dados | Após a digitação, os dados serão processados e, em seguida, será montada a apostila relatório-diagnóstico, com os gráficos gerados, o índice de desenvolvimento e o resgate histórico construído pelos moradores da comunidade. Isto representa o T0 (Tempo Zero) da comunidade para futuras avaliações (T1, T2, etc.) e elaboração do PAI | |

iv) TERCEIRO PASSO

| | | | |
|----|--|--|--|
| 16 | Preparo das informações | A fim de se inteirar das informações contidas no relatório-diagnóstico, serão feitas antes reuniões preparatórias entre a equipe multidisciplinar de ATER e do Comitê Gestor, para construir o painel de visualização dos problemas, necessidades e oportunidades por temas, para apresentar à comunidade. | |
| 17 | Restituição à comunidade | Reunião coordenada pelo comitê gestor e a equipe multidisciplinar, para planejar a restituição do resultado a comunidade. Será eleito um grupo de representantes de cada segmento de beneficiário para, em conjunto com o comitê, participar dos eventos que irão construir o PAI. | |
| 18 | Elaboração do PAI (coordenação do comitê e da equipe multidisciplinar) | <p>Primeiro momento: reunião problematizadora (o que for necessário para esgotar o assunto e empoderar os participantes). É um processo de reflexão da realidade da comunidade para compreensão dos fenômenos ocorridos localmente, de forma que ocorra uma transformação dessa comunidade por meio de ações desenvolvimentistas.</p> <p>Segundo momento: oficina de eleição das prioridades (problemas, necessidades e oportunidades), sistematizadas por temas, a fim de estabelecer prioridades a partir da negociação coletiva e do conhecimento das diferentes percepções das pessoas em relação aos problemas, necessidades e oportunidades.</p> <p>Terceiro momento: construção do mapa institucional dos parceiros que vincula os problemas, as necessidades e as oportunidades, com as instituições públicas e privadas, nas três esferas de Governo.</p> <p>Quarto momento: oficina de elaboração do PAI, com base nos produtos das oficinas anteriores, utilizando-se o enfoque do PDCA.</p> <p>Quinto momento: seminário de apresentação do PAI, pelo Comitê Gestor, aos dirigentes das instituições públicas e privadas relacionadas no mapa das instituições parceiras e representantes de classe, para pactuar, por meio de documento do seminário, o apoio político-institucional às atividades demandadas pela comunidade e contidas no PAI.</p> | |

v) QUARTO PASSO

| 19 | Concertação institucional | Oficina envolvendo os facilitadores político-institucionais para pactuar a construção de políticas, programas e projetos específicos, que irão dar conta de diminuir as vulnerabilidades e apoiar as potencialidades priorizadas pela comunidade. | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------|-------------------------------|---|--------------------|-----------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|------------|--|----------|--|--------|-----------|--------------|----------|--------|-----------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| 20 | Plano de gestão | <p>O comitê gestor irá elaborar uma proposta de controle e de acompanhamento das ações e das atividades do PAI para fomentar o empoderamento e a gestão social que poderá ser acompanhada via Internet, para maior transparência do processo e responsabilidade pública dos compromissos assumidos, políticos e institucionais.</p> <p>Planilha sugerida de acompanhamento das ações e atividades pactuadas com as instituições</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th rowspan="2">Ações e atividades</th> <th rowspan="2">Custo</th> <th rowspan="2">Instituição responsável</th> <th rowspan="2">Facilitador institucional</th> <th rowspan="2">Responsável pela gestão</th> <th colspan="2">Data/prazo</th> <th colspan="4">Situação</th> </tr> <tr> <th>Início</th> <th>Conclusão</th> <th>Não iniciada</th> <th>Atrasada</th> <th>Em dia</th> <th>Realizada</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table> <p>O que não for pactuado deverá ser objeto de uma nova reunião problematizadora para construir novas estratégias de ação.</p> | Ações e atividades | Custo | Instituição responsável | Facilitador institucional | Responsável pela gestão | Data/prazo | | Situação | | | | Início | Conclusão | Não iniciada | Atrasada | Em dia | Realizada | | | | | | | | | | | | | |
| Ações e atividades | Custo | Instituição responsável | | | | | | Facilitador institucional | Responsável pela gestão | Data/prazo | | Situação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | Início | Conclusão | Não iniciada | Atrasada | Em dia | | | Realizada | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 21 | Replanejamento das atividades | O comitê gestor irá avaliar com a comunidade, no início de cada ano, os avanços e os retrocessos das ações e das atividades do PAI. Após análise e reflexão, irão buscar novas alternativas, tanto para os problemas que não foram resolvidos, quanto para os novos desafios que irão surgir. A meta será tornar a comunidade mais desenvolvida, num ciclo ascendente de acúmulo de capital humano e empoderamento, com ganhos de patamares de desenvolvimento multidimensionais, sempre aferidos pela gestão social, com base nos indicadores gerados pelo IDCR. O acompanhamento da ATER e da equipe multidisciplinar seguirá até ser dispensado pelo Comitê Gestor. | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

xii. BIBLIOGRAFIA DE APOIO

- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.
- GIOVENARDI, E. *Estructuras de pobreza en el agro*. Colombia, PNUD, 1993.
- GOODMAN, D, et al. *Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional*. Rio de Janeiro, 1990.
- JARA, C. *As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável*. Brasília. IICA, 2001.
- KHATOUNIAN, C. A. *A reconstrução ecológica da agricultura*. Botucatu. Instituto Agrônômico do Paraná, 2001
- MEIRELLES, M. *Perspectivas teóricas acerca do empoderamento de classe social*. www.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/Mauro%20Meirelles%20e%20Thiago.pdf
- ORSI, S. IDCR um instrumento de empoderamento para apoiar o desenvolvimento do espaço rural. <http://www.emater.df.gov.br/sites/200/229/00001635.pdf>.
- RUAS, E. et al. *Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR*. Belo Horizonte, março de 2006.
- SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro, 2000.
- SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEN, A. *O desenvolvimento como expansão das capacidades*. São Paulo. CEDEC. Lua Nova, n.28/29. p. 313-333.1993.
- SEPÚLVEDA, S. *Desenvolvimento microregional sustentável: métodos para planejamento local*. Brasília: IICA, 2005.
- VALOURA, L. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador. http://www.fatorbrasis.org/arquivos/Paulo_Freire.

A vontade, a coragem e a determinação
São as maiores energias do desenvolvimento;
E o poder delas é ilimitado!"

Sérgio Dias Orsi